

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA POLÍTICA**

**A TRADUÇÃO DA IMPORTÂNCIA E DA INFLUÊNCIA CHINESAS PARA O
PROCESSO DE REUNIFICAÇÃO PACÍFICA DA PENÍNSULA DA COREIA:**

uma abordagem histórica, econômica, política e cultural

Rafael Milliati Ramalho

Orientador: Carlos Henrique Cardim

Brasília – DF, Dezembro/2013

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA POLÍTICA**

**A TRADUÇÃO DA IMPORTÂNCIA E DA INFLUÊNCIA CHINESAS PARA O
PROCESSO DE REUNIFICAÇÃO PACÍFICA DA PENÍNSULA DA COREIA:**

uma abordagem histórica, econômica, política e cultural

Monografia de conclusão de curso de graduação apresentada ao Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Ciência Política.

Rafael Milliati Ramalho

Orientador: Carlos Henrique Cardim

Brasília – DF, Dezembro/2013

MILLIATI RAMALHO, Rafael.

A TRADUÇÃO DA IMPORTÂNCIA E DA INFLUÊNCIA CHINESAS PARA O PROCESSO DE REUNIFICAÇÃO PACÍFICA DA PENÍNSULA DA COREIA:
uma abordagem histórica, econômica, política e cultural. Rafael Milliat Ramalho.

Brasília, 2013.

59 p.

Monografia de Graduação. Instituto de Ciência Política.

Universidade de Brasília, Brasília.

1. Reunificação Coreana. 2. China. 3. Coreia do Sul. 4. Coreia do Norte.

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA POLÍTICA**

**A TRADUÇÃO DA IMPORTÂNCIA E DA INFLUÊNCIA CHINESAS PARA O
PROCESSO DE REUNIFICAÇÃO PACÍFICA DA PENÍNSULA DA COREIA:**

uma abordagem histórica, econômica, política e cultural

Monografia de conclusão de curso de graduação apresentada ao Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Ciência Política.

Aprovada aos 15 de dezembro.

BANCA EXAMINADORA:

Orientador

Professor Doutor Carlos Henrique Cardim (IPOL-UnB)

Revisor

Professor Doutor Eiiti Sato (IREL-UnB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à cidade de Brasília por tudo que ela me trouxe de peito aberto, apesar de eu sempre a ter subestimado e, tantas vezes, caluniado.

Foi aqui que tive a chance de ter o começo das experiências mais vivificantes e inesquecíveis da minha vida. Conheci amigos com os quais creio que trabalharei pelos próximos anos, na busca de sonhos que compartilhamos, agradeço-lhes também.

Foi daqui que eu tive a chance de visitar a Coreia e desenhar um projeto de vida orientado na busca por um mundo mais digno e próspero, em que os direitos humanos sejam hasteados e flamulem até o extremo norte da Península.

Agradeço ao meu pai coreano, professor exímio de língua coreana e hospedeiro em toda a minha viagem em 2010-2011, homem apaixonado por seu país e que carregava os mais preciosos ensinamentos da antiguidade oriental, mantendo uma perspicácia única em relação ao futuro: (故)한희석님 - minhas condolências à família, sinto muito a falta do Sr.

Agradeço ao meu pai, Jose Adriano Ramalho, felicito sua saída da UTI e recuperação em tempo recorde. Congratulo a braveza inigualável de minha mãe, Vanderlice Milliat Ramalho, durante toda a luta do tempo hospitalar e pós-hospitalar de meu pai.

Meus agradecimentos, de semelhante modo, aos familiares mais próximos que estiveram conosco nos momentos mais difíceis na recuperação de meu pai: Tio Givaldo e Tia Bela, Renato e Érica, Sabina, Fran, Tio Marcos e André, a todos, muito obrigado.

Aos amigos coreanos que fiz no Brasil e a todo o seu apoio, em especial a 이효지 누나, 이동혁 박사님 e 유기원 목사님과 가족분들.

À companheira de todas as horas e encontro mais afortunado da minha estadia em Brasília, Myrna, um beijo enorme.

Agradeço ao companheirismo, solicitude e empréstimo de materiais da Sra. Cynthia Altoé Vargas Bugane, Ministra Chefe da Divisão de Japão e Península Coreana (DJC) do MRE.

Agradeço ao meu orientador, também, por todos os preciosos contatos compartilhados que permitiram discussões que enriqueceram em muito este trabalho.

Saúdo o cinquentenário da imigração coreana ao Brasil, conforme os registros oficiais do portal Mil Povos da Prefeitura de São Paulo, que celebra a amizade entre nossos povos e, de modo geral, aos amigos da Embaixada da República da Coreia no Brasil.

Saudando essa amizade, faço meu elogio máximo ao povo coreano como um todo, pois há de se contar com os dedos, povos que com braveza sofreram as intempéries pelas quais a Coreia passou. Totalmente devastada em 1945 e, novamente em 1953, uma nação predominantemente agrária e paupérrima assistiu à chegada de Seul no século XXI como uma economia prestigiada (11ª pelo PIB) e nação líder no desenvolvimento tecnológico global.

Nação que havia enviado uma missão à Conferência da Haia e lhe teve o direito de participar como nação soberana barrado, hoje, comemora o segundo termo do Secretário Geral *Ban Kimun* frente às Nações Unidas.

Mediante as constantes crises no ocidente, inclusive, com o decreto de falência de alguns estados, parece ser esse o Momentum para a Ásia.

재통일한국, 화이팅! (Força, Coreia!)

Faço um voto, por fim.

Sele-se aqui o compromisso e voto sincero de que eventuais incompletudes ou imprecisões nesta monografia serão rastreadas, sanadas e reparadas em reedição futura.

*“Whenever North Korea appears in the media,
China usually gets dragged into the stories as
well[...].”*

(The Diplomat)

RESUMO

A Península Coreana tem exercido um papel de importância geográfica e centralidade estratégica no leste asiático, condensando em si manifestas ambição e aspiração de diversos povos, tanto pela dominação de seu território, quanto pela conquista de terras do além-mar que, necessariamente, passassem por si. Com efeito, em virtude das ameaças contínuas, houve o firmamento de sua histórica parceria com a China, de quem a Coreia herdou muitas instituições e com a qual promoveu um intercâmbio de ideias e civilização.

Na reconfiguração da Península e sua divisão trágica em Norte e Sul, após o fim do colonialismo japonês, no contexto do advento da polarização ideológica da Guerra Fria, mais uma vez a China ainda e, cada vez mais, constitui um elemento de peso a ser considerado em diversas questões da Península Coreana.

Décadas mais tarde, a China se reinventou e realizou reformas econômicas, afastando-se do isolacionismo político-ideológico que vivia e seguiu conquistando um espaço cada vez mais precípuo nas questões regionais e globais. Meio a isso, além de seu gigantismo econômico e militar, a tutela que Beijing passou a exercer sobre Pyöngyang é uma das temáticas mais dignas de atenção quando se tem em mente os esforços necessários para criar as condições rumo à Reunificação Pacífica.

Palavras-chave: Reunificação Coreana. China. Guerra da Coreia. Península Coreana. Laços Bilaterais. Reforma e Abertura. Política Externa.

抄錄

한반도는 동아시아에서 지리상 정치적이고 전략적이며 중요한 역할을 해 왔다. 단순한 정복활동으로 인해 한반도를 쳐서 자신의 영토를 늘리거나, 한반도를 차지하면 건너편에 위치 있는 다른 땅들도 정복이 가능하다는 것때문에, 한반도는 수많은 민족들의 야심과 의욕을 유발했다고 볼 수 있다.

분명히 항상 주변의 위험이 있었으므로 중국과의 역사적 동맹이 체결되었고, 중국과 많은 문화, 문명과 제도들을 상호교류하였다.

한반도는 일본의 식민주의 후 냉전의 이념대립으로 인하여 분단의 아픔을 겪게 되었는데, 이와 관련된 많은 논제와 논쟁에도 중국은 항상 중요한 요소로 보인다. 냉전 시기로부터 몇 십여 년이 흘러 이제 중국은 개방개혁을 하고 정치이념적 고립에서 벗어나는 등 완전히 다른 이미지를 보임으로 인해 지역적으로 국제적으로 더 중요해지고 있다.

이 가운데, 중국의 막대한 군사적, 경제적 영향력 등을 막론하고도 북경 정부가 평양에 발휘하기 시작한 보호 제제 등은 평화통일을 성취할 수 있는 조건에 관심이 있는 이들에게는 무척 가치 있는 주제가 된다.

키워드:국가통일.육이오(북한어명칭: 해방전쟁). 한반도.중국. 개방개혁.외국정책.

LISTA DE TRANSLITERAÇÃO ADOTADA

Nesta monografia, todos os nomes de pessoas chinesas e regiões da China seguiram o padrão *pin yin*¹ sem a indicação dos tons correspondentes, ou seja, não se grafaram versões equivocadas e comuns. Por exemplo, preteriu-se a forma mais difundida Mao Tsé Tung, optando por *Mao Zedong*, a qual segue o padrão internacional.

Já os termos coreanos não possuem uma forma padronizada para sua romanização/transliteração em português, razão pela qual, tantas vezes, empregam-se formas confusas e que possuem a fonética anglo-saxã enquanto padrão. Neste sentido, preferiu-se empregar a seguinte lógica:

i) Letras peculiares:

– Quando no início, ㄱ se transliterou como como “G”, exceto pelas letras I e E; quando final, por seu som mais suavizado, preferiu-se “K”;

– As letras 어 e 오, em português, poderiam ser grafadas como “ó” e “ô”, respectivamente, mas a fim de evitar ambiguidade em relação à tonicidade da palavra, preferiu-se “o” e “o”, sem acento;

Exemplo: 평양 = Pyŏngyang

– Quando no início, ㅈ costuma ser transliterado por “Ch”, mas tal costume pode gerar confusão aos lusófonos tanto com a letra ㅊ, quanto com a variante de pronúncia “Sh”, por isso, adotou-se “J”, como na palavra: “jeans”;

Exemplo: 조선 (antigo nome da Coreia) se grafou *Josŏn*.

– “I” antecedendo vogal se grafou “Y” .

Exemplo: 헤| não como “hie”, mas como “hye”.

– ㅄ som inexistente em português, grafou-se como o ditongo “eu”, como na maior parte das línguas estrangeiras.

Exemplos: *Kim Jŏngeun e Pak Geunhye*

¹ Vide Encyclopaedia Britannica: <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/461271/Pinyin-romanization>

ii) Nomes Próprios:

- *Sobrenome* + *Nome* (geralmente, composto [bissilábico] e escrito com apenas a inicial da primeira sílaba maiúscula):

- Para o nome do primeiro presidente sul-coreano 이승만, grafou-se *Yi Seungman* (Yi é sobrenome e Seung/man são nome), as versões mais comuns e antiquadas em português são : *Syng Man Rhee* e *Lee Seungman*;

- 노무현 (*Roh Moohyun*) como *No Muhyŏn*;

- 김일성 (*Kim Il Sung*, mais adequado à fonética anglo-saxã) se grafou: *Kim Ilsŏng*;

- 광복 como *Gwangbok* e, não como *Guangbok* (evitando pausa na leitura).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1 HISTÓRICO DAS RELAÇÕES SINO-COREANAS	3
1.1 RESPOSTAS NO ENLACE HISTÓRICO DAS RELAÇÕES ENTRE A CHINA E A COREIA.....	10
1.1.1 Identidade, folclore e terra.....	10
1.1.2 Integridade territorial	11
1.1.3 Primeira Unificação da Coreia.....	12
1.1.4 Invasões japonesas e solidariedade chinesa.....	13
1.1.5 Reconhecimento dos EUA por intermédio da China.....	14
1.1.6 Intercâmbio e estreitamento da parceria sino-coreana.....	15
1.1.7 Mudança da Capital para a China.....	16
1.1.8 Assinatura do Armistício: ONU e China	18
1.1.9 Tutela de Beijing sobre Pyöngyang.....	19
1.2 A PRESENÇA COREANA NA CHINA NA ATUALIDADE E VICE-VERSA: ETHOS E IDIOMA.....	20
1.2.1 YANBIAN: QUADRO DE INFORMAÇÕES.....	21
1.2.2 CRONOLOGIA.....	22
2 ASPECTOS POLÍTICOS	23
2.1 IMPLICAÇÕES ESTRATÉGICAS DO ENLACE ECONÔMICO E GEOPOLÍTICO SINO-NORTE-COREANO.....	30
2.2 SANÇÕES CHINESAS CONTRA PYÖNGYANG.....	33
2.3 POLÍTICA EXTERNA CHINESA.....	35
2.4 CONVERSACÕES HEXAPARTITES.....	36
2.5 ANTIAMERICANISMO E UM ADENDO SOBRE AS IMPLICAÇÕES DAS RELAÇÕES SINO-SUL-COREANAS.....	38
CONCLUSÃO.....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44

INTRODUÇÃO

A temática das relações intercoreanas, além de atual, tem tido desdobramentos que atraem a atenção de especialistas em política internacional e estampam, com frequência, diários de opinião pública pelo mundo.

O ano de 2013 marcou a história recente como ano de muitos retrocessos nas relações entre as Coreias, por meio da anulação unilateral norte-coreana do Pacto de Não Agressão Mútua (*Bulgachim*) e se seguiram tantas outras situações de tensão, como trocas de disparos em áreas de litígio marítimo.

Houve, de semelhante modo, a paralisação da iniciativa de cooperação do Complexo Industrial *Gaesŏng*, gerando prejuízos multimilionários para diversas empresas sul-coreanas e, com a intensificação das hostilidades, a ameaça de um conflito nuclear se tornou ainda mais iminente.

Neste trabalho, existe uma preocupação com a situação da Coreia do Norte, visando ao aumento do intercâmbio, da cooperação intercoreana e da defesa dos direitos humanos, como estratégia de aproximação e reunificação. Neste sentido, seguindo análises e sugestões de diversos autores referendados na bibliografia, conceituou-se a importância da China e a sua relação com a Península da Coreia em âmbitos históricos, políticos, econômicos e culturais.

Por sua relevância crescente para o equilíbrio e prosperidade mundiais, a questão coreana deve ter seu espaço garantido no meio acadêmico e esforços neste sentido foram empreendidos.

Para tanto, definiu-se como **objetivo geral** desta monografia:

- Analisar fatos que remontem à história e à atualidade (com enfoque econômico e político), identificando a importância e a influência da República Popular da China nas questões coreanas, tendo em vista o processo de Reunificação Pacífica da Península Coreana.

Delinearam-se como **objetivos específicos** desta monografia:

- i) Realizar um levantamento histórico-documental sobre as relações entre a China e a Coreia;

- ii) Levantar e selecionar informações sobre a discussão da dependência da Coreia do Norte em relação à China;
- iii) Analisar a racionalidade chinesa na política regional;
- iv) Abordar com multidisciplinariedade as relações sino-coreanas, atentando para a importância da elaboração de um discurso de proximidade entre as entidades, uma vez que a China costuma ser percebida com receio, apesar de seu papel de extrema relevância e estratégia;
- v) Tratar o Status Quo na Península como uma preferência em relação à instabilidade, como o não desejo da implosão de regime de Pyongyang por parte de Beijing, primando pela estabilidade regional, todavia enfatizando a tutela e o potencial como agente transformador que a China vem exercendo, até mesmo impondo sanções contra a Coreia do Norte;
- vi) Levantar informações sobre o papel de pivô de Beijing nas exigências das demandas internacionais, triangulando relações entre entidades e a Coreia do Norte, sobretudo, em momentos de crise e provocação militar;
- vii) Discutir o papel de agente gerador de confiança que Beijing possui no contexto das crises na região asiática e seus esforços para conter a proliferação de armas nucleares e programas de mísseis balísticos;
- viii) Reforçar o argumento de que existe uma incompatibilidade crescente entre os interesses da aliança Beijing – Pyŏngyang, ou seja, a situação se torna favorável à mudança e abertura em Pyŏngyang.

1. HISTÓRICO DAS RELAÇÕES SINO-COREANAS

Em primeira instância, cabe ressaltar que a Península Coreana tem, de fato, exercido um papel de importância geográfica e centralidade estratégica no leste asiático, constituindo uma importante porta da Eurásia para o Pacífico, localizada entre economias fortalecidas e potências militares como a China, a Rússia e o Japão. Portanto, sabe-se que os estudiosos que se lançam na busca por compreendê-la acabam por tender a constatar que a Coreia, ao longo de sua história, condensou em si manifestas ambição e aspiração de diversos povos, tanto pela dominação de seu território, quanto pela conquista de terras do além-mar que, necessariamente, passassem por si.

Historicamente, embora as dinâmicas dos processos políticos propriamente coreanos ou de nações próximas se tenham apresentado complexas e permeadas por diversas particularidades, percebe-se que mantiveram visível convergência no sentido de que as nações vizinhas frequentemente tiveram de levar a Coreia em consideração, ter uma política específica em relação a ela, ponderar sobre qual seria a reação da Coreia se tomassem alguma atitude, e, dada a matéria estratégica, sobretudo, buscaram meios de contê-la, neutralizá-la ou exercer domínio sobre a Coreia.

Num período que antecedeu em pouco a primeira unificação coreana², meio a um clima de instabilidade na Península, a Dinastia chinesa *Tang* – que vinha travando guerras com *Goguryō* – decidiu instalar na Coreia uma organização militar conhecida como o Protetorado de Andong³ em 668 D.C., a fim de reafirmar seus interesses na região e manter sua aliança com o reino aliado de *Silla*.

A dinastia *Yuan* do Império Mongol empreendeu campanhas contra *Goryō* por quase trinta anos até a capitulação coreana em 1259, tornando a Coreia seu estado vassalo e aliado compulsório nas guerras do general *Khan* contra o Japão que se seguiram.

²Com a coalizão dos Três Reinos (*Silla*, *Baekje* e *Goguryō*) que perdurou de 668 a 935, sob *Silla*. Em 915 foi fundado o estado de *Goryō* (que introduziu a fonética do nome do país – Coreia – em diversos idiomas estrangeiros).

³O Protetorado causava certo incômodo à Coreia e foi inicialmente movido em 676 D.C de *Pyōngyang* a *Liaodong* (na China) e, após ter sua sede alterada por sete vezes, veio a ser extinto em 756 D.C.

Em 1592, num episódio bélico conhecido como *Imjin*, sob a histórica liderança do almirante *Yi Sunsin*⁴, as tropas de *Toyotomi Hideyoshi* - xogum que tivera tido papel decisivo nas guerras de consolidação e integração territorial do Japão feudal - tiveram suas linhas de abastecimento interrompidas em *Busan* e, portanto, foram contidas em seu avanço nos arredores de Pyöngyang.

Séculos mais tarde, as invasões da China e da Rússia promovidas pelo Império do Japão também se deram via Coreia e originaram os conflitos de 1894-1895 (Guerra Sinojaponesa) e 1904-1905 (Guerra Russojaponesa). Portanto, não é de se espantar que nesses e em muitos outros conflitos a Coreia também tenha tido uma centralidade imensa, consumindo muito da atenção dos beligerantes em como lidar com ela, como freá-la ou de que modo tê-la como aliada.

No primeiro conflito, a dinastia *Qing* sofreu enormes baixas e se viu bastante abalada pelas ofensivas das tropas modernizadas do Imperador Meiji. O desfecho selado pelo *Tratado de Shimonoseki* garantiu ao Japão o porto de *Weihai* (na província chinesa de *Shandong*), as Ilhas *Penghu* (batizadas em português de “Pescadores”) e Taiwan.

Shimonoseki já se pronunciava a respeito da Coreia em seu primeiro artigo⁵, exigindo da China que decretasse extirpadas certas regalias de longa data e declarasse a total autonomia coreana – o que, por sua vez, fornece indícios de que o Japão já arquitetava o projeto imperialista que empreenderia anos mais tarde; assim a China, que tão atada se encontrava a Coreia, sobretudo nas muitas situações em que ambas se coligavam para se defenderem dos japoneses, teve de abrir mão de sua grande aliada.

Esse episódio serviu como o marco divisor de águas, a fatalidade que deixou a China afastada da Coreia do Sul até o final do século XX, um lapso parcial nas relações

⁴O general de 23 invictas batalhas aparece na moeda de 100 *weon*. Dado o seu prestígio, ocupou um posto equivalente ao de premiê coreano, entre outros títulos conferidos *post mortem*. Para maiores referências quanto ao episódio *Imjin*: Hawley (2005)

⁵O artigo primeiro exclui permanentemente a vassalagem coreana ao Estado de *Qing*. No original japonês abaixo, grifou-se “exclui-se permanentemente toda e qualquer agressão à autonomia coreana, como prestação de homenagens, tributos e vassalagem ao Estado de *Qing*: 清国は、朝鮮国が完全無欠なる独立自主の国であることを確認し、独立自主を損害するような朝鮮国から清国に対する貢・献上・典礼等は永遠に廃止する。”

sino-coreanas causado por dois motivos, a imposição japonesa do fim do século XIX e a ideologia comunista que a China oficializaria em 1949, quando proclamou a República Popular e a se aliou ao regime de Pyöngyang.

A aproximação sem igual e a consolidação da aliança firmada entre Beijing e Pyöngyang, de semelhante modo, servem como noções elementares para este trabalho e muitos desprendimentos analíticos levarão em conta o quão precípuo se tornou tal pacto e, mais do que isso, de que modo esse influi decisivamente na prospecção de mudança dentro da Península Coreana, sendo, aparentemente, a maneira mais concreta de se rumar a uma Reunificação Pacífica.

Retornado ao contexto do conflito entre os Impérios Russo e Japonês, a Rússia Czarista buscava por um porto para ancorar sua frota de guerra em que o congelamento das águas - muito comum na chegada do inverno russo - não fosse um empecilho. A proximidade dos russos estacionados na China despertou no Império Japonês a necessidade de se afirmar no território coreano, de modo a lhes fazer frente, dada a sua posição estratégica. O conflito terminou com a China mergulhada em crises internas, enfraquecida e ocupada por oito potências.

Esse episódio bélico também é conhecido por ser o marco da consolidação do Império Japonês como hegemônico. O descontentamento vindo do fracasso russo serviu como justificativa para os bolcheviques acusarem a guerra de imperialista e teve o sentido de fomentar o rumo revolucionário russo e, mais tarde, soviético.

O confiante e recém “autoafirmado” Japão adquiriu o crédito de barganha e capital político necessários para iniciar investidas que acabaram marcadas por constante unilateralidade e intervencionismo na administração da Coreia, à chamada *Josön*.

Nesse contexto, não se pode negar o surgimento de certos grupos pró-nipônicos que o Japão teve a perspicácia de aproveitar e conferir cargos, apoiando-os, enquanto suprimia qualquer oposição. A esses, os livros de história coreanos começaram a tratar

como 매국노(*mae guk no*) ou 매국자(*mae guk ja*), cujo significado é de traição: “vendedores da pátria”⁶.

Portanto, soa bastante convincente que o Japão quisesse expandir seu controle por toda a região do Pacífico e, para viabilizar seu projeto expansionista, estabelecer-se na Coreia seria decisivo, primordial. Sob o pretexto de uma medida modernizadora para o país, a Coreia foi compelida a celebrar o Tratado de 1905; cujo artigo III enunciava: “*definitiva garantia da independência e integridade territorial do Império Coreano*”.

Em 1907, em retaliação ao envio por parte do Rei de uma comissão coreana - que, considerada ilegítima para representar a Coreia, acabou por ser barrada na II Conferência da Haia - o Japão forçou o Imperador *Gojong* e abdicar em favor de seu filho *Sunjong*, estipulando também que todos os cargos de alto ofício fossem preenchidos com cotas para japoneses e que coubesse unicamente ao Japão nomear e demitir oficiais.

A situação de instabilidade que se arrastou pelos anos seguintes veio a culminar na anexação total da Península da Coreia em 22 de agosto de 1910, sob um governador geral japonês, evento que vem provar que se até tal momento tivesse funcionado alguma diplomacia, essa foi de canhoneiras⁷.

O processo de ocupação se configurou em moldes curiosos - no sentido de que a dita “metrópole” desse colonialismo tardio investiu pesadamente na modernização da infraestrutura colonial⁸- contudo, faz-se necessário frisar a existência de um cruel revés de haver sido um período marcado por atrozes crimes contra a humanidade.

⁶Em 2009, o portal da presidência da República da Coreia e a Assembleia Nacional publicaram uma lista revisada com 704 nomes completos de envolvidos com atividades antipopulares e pró-nipônicas, dentre os quais apontam: políticos, muitos possuidores de título de nobreza, oficiais em missão na China e até mesmo artistas.

⁷Gunboat Diplomacy ou Big Stick Policy, como consuetudinário na historiografia estadunidense, aqui se aplicada como metáfora para representar a intransigência dos japoneses e seu emprego constante de ameaças e violência.

⁸O peso da agricultura no PIB coreano passou de 60% a 32% na última década da ocupação, ao passo que os crescentes investimentos na Indústria Pesada fizeram com que essa ocupasse quase 50% de toda a

Crimes que levam a crítica coreana a tecer fortes acusações à geração política japonesa mais recente, que oculta diversas barbáries e abusos (como a proibição da língua coreana e a convocação de escravas sexuais de diversas nacionalidades para servir de “conforto às tropas”), pondo-lhe o rótulo de extrema direita que “maquia a história”.⁹

Com técnicas de assimilação cultural e ataques à identidade nacional coreana, a própria língua teve uso restrito em locais públicos, incorrendo castigo de morte. Até mesmo os nomes dos coreanos foram preteridos em detrimento de nomes nipônicos.

Tal momento contemplou uma efervescência nacionalista que acabou por introduzir mais violência na Pensínsula. Por mais contrassenso que possa soar, houve um contrabalanceio conciliador por parte dos colonizadores, pois, ao passo que se puniram e expurgaram figuras relevantes, portanto, potenciais restauradores da autonomia coreana, a participação das empresas nacionais coreanas com maior número de licenças concedidas, passou de 27% em 1916, a 60% em 1938.

Ao 1º de Março de 1919, o movimento *Samil* tentou proclamar a independência coreana, mas sofreu uma repressão sem precedentes, mas somente com a rendição japonesa aos aliados em 1945, a Coreia passou pelo que chamou de – em tradução livre – a Retomada da Luz (ou Dia de *Guangbok*). Essa data se celebra aos 15 de agosto, data que coincide com a proclamação da República da Coreia de 1948.

A luz que voltara a brilhar após trinta e seis anos de abusos e colonização, no entanto, veio a ser ofuscada pelo rumo trágico da divisão da Coreia em duas zonas de influência, no marco do paralelo 38.

O qual correspondeu à demarcação efetuada pelas tropas das Nações Unidas, cuja gestão para “fins de paz” foi conferida às potências do pós-II guerra, EUA e a extinta URSS, os quais foram os responsáveis pelo fomento da polarização ideológica que caracteriza a Coreia até os nossos dias.

produção industrial nacional. Disponível em: http://www.wlu.ca/documents/54667/Korea_-_Lecture_8.pdf

⁹ Evento que atraiu atenção internacional foi a reedição de trechos de livros base de história (materiais didáticos) por congressistas japoneses sob o premiê Shinzo Abe e até mesmo por parte Park Gunhye .

No entanto, o paralelo 38 também possui o significado histórico de ser onde estacionou a fronteira norte-sul, com o recuo forçado pelos *aliados* no bem sucedido contra-ataque do General Mc Arthur em Incheon, evento de extrema importância na participação estrangeira na Guerra da Coreia e do estabelecimento das fronteiras no armistício assinado em 1953.

*

Até aqui se tratou brevemente de um fato que é a partição da Coreia em norte e sul, em República Democrática Popular da Coreia e em República da Coreia.

Os rumos e descaminhos dessa nação visada, as manobras que ela exigiu das grandes potências, o surgimento do diálogo intercoreano independente, os progressos obtidos, suas crises e prospecções futuras serão temáticas de extrema relevância e deverão, no mínimo, ser abordadas nas seções seguintes.

Contudo, a fim de respaldar a defesa de que a China esteja intimamente ligada à Coreia como um todo, por traços históricos e culturais, pretendo usar eventos passados numa progressão das relações entre ambos os países¹⁰ e, dessa base, partir para conceituação da tese de que a China possua *uma gigantesca vantagem, uma enorme responsabilidade e excepcional margem de ação transformadora*, valendo-se, sobretudo, de sua barganha econômica e da facilidade de diálogo com Pyöngyang.

Os documentos e a própria história falam por si e evidenciam que a China mais do que ninguém exerce influência e tutela sobre Pyöngyang.¹¹

Explorados os pontos acima, pretendo tratar de eventos passados e recentes, sobretudo de que modo eles são ou podem ser decisivos para a futura Reunificação, assim como em progressos concretos rumo à Paz Mundial.

¹⁰ Entendidos sob essa ressalva de “países”, de maneira pouco forçosa, uma vez que é complexo lidar com as dezenas de dinastias e reinos combatentes em que se dividiram ambas; certas vezes até mesmo com interesses e aliados distintos. Acima, por exemplo, evidenciou-se que dinastia *Tang* da China travou guerra contra o reino coreano de *Goguryeo*.

¹¹ Esse pensamento sintetiza diversas postulações de *Dae Yeolson* em sua tese na Naval Postgraduate School, intitulada *The Role of China in the Korean Unification*, disponível em <http://www.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a417537.pdf> (acessado em setembro de 2013)

Conceituadas historicamente e ontologicamente as entidades, sua correlação e, sobretudo, a importância de se elaborar um discurso de proximidade entre a Península da Coreia e a China, pretendo tratar de como a experiência e o aprendizado das reformas econômicas das décadas passadas da China são um elemento – se não o mais – chave na adequação da economia norte-coreana para a prosperidade da reunificação.

De semelhante modo, direciono meus esforços para a riqueza de elementos materiais no estudo do “caso coreano” por ser extremamente digno de atenção, uma vez que abrange um dos maiores frentes de combate direto da Guerra Fria que se estende com características nítidas de Guerra Fria até nossos dias, mas que com o fluir dos tempos, separou uma nação e fez de Pyöngyang “o Ermitão dos Ermitões”, que vem sendo concebido como uma constante ameaça por seu poderio nuclear inimaginável e fora de controle.

Postas à balança suas consequências no equilíbrio da ordem mundial, um segundo confronto armado na Coreia seria uma guerra praticamente impossível, dado o avanço científico bélico e a concentração massiva de armas nucleares na região.

1.1 RESPOSTAS NO ENLACE HISTÓRICO DAS RELAÇÕES ENTRE A CHINA E COREIA

1.1.1 *Identidade nacional, folclore e terra*

Indo às origens, estima-se que no período de 6000 A.C a 4000 A.C tenham ocorrido massivas migrações de povos da Ásia Central e das regiões montanhosas altaicas¹². Essas populações se estabeleceram progressivamente no continente e nas ilhas da Península, portanto são os predecessores dos coreanos.

O povo coreano possui um mito fundacional, chamado de o mito de *Tangun* - que figura como um símile do Jardim do Éden coreano - e, dele se podem extrair noções relevantes, como:

- i) Delimitação da fronteira “mais convencional” da Península da Coreia ao norte com a China, na altura do Monte *Baektu* e no curso de dois importantes rios, o *Yalu* e o *Tumen*.

Narra a lenda que nas proximidades do monte, em uma cidade mística de nome *Sinsi*, a divindade-filha *Hwaneung* se firmou e deu origem a *Tangun* após ter fecundado *Ungnyō* (um urso, que se transformou em mulher tendo seguido uma receita de comer alho e não ver a luz do sol por cem dias, enquanto estava confinado numa caverna).

Na verdade, mesmo com as inúmeras alterações ocorridas no tamanho do território coreano (aqui, da Península Coreana) com deslocamento positivo ou negativo da fronteira com a China e com a Rússia, já há mais de 1100 anos que ele permanece assaz próximo de como se encontra no presente.

Em 1909, quando o ministério das relações exteriores da Coreia se encontrava subordinado a Tóquio, pelo tratado de *Eulsa* (de 1905), foi firmado um acordo que selava justamente aquela demarcação com a China, na altura do Monte *Baektu*.

¹² Dessa constatação se compreendem certas semelhanças em termos de estrutura linguística entre o coreano, o mongol, o turco e o antigo altaico, a exemplo do uso de partículas gramaticais e de ordem inversa.

Em 1962, a jovem Coreia do Norte inspecionou a fronteira junto a uma comitiva chinesa e acréscimos lhe foram concedidos, sendo que no cálculo final, das 205 ilhas existentes no *Yalu*, a Coreia do Norte passou a controlar 127 e a China, 78.¹³

- ii) *Gojosŏn* (literalmente: antiga *Josŏn*) foi o primeiro nome que a Coreia adotou; é relevante lembrar que quando retirado o prefixo “go”, tal nomenclatura até hoje se emprega no regime de Pyŏngyang para designar “Coreia do Norte” em coreano, diferentemente do usa na Coreia do Sul.¹⁴

Apesar de certas inconciliáveis e embates históricos entre a Coreia e a China – que, neste trabalho, esforça-se com o intuito de não as omitir e, pelo contrário, explicitar seu devido contexto – por meio dessa análise, fica bem nítido que desde os primórdios do contato entre essas duas civilizações, ambas coexistiram com um espírito de amizade e exacerbado intercâmbio.

As instituições da civilização chinesa que foram incorporadas pelas cortes coreanas sofreram processo de aprimoramento, sendo “reinventadas”, desenvolvidas e adaptadas às necessidades da gestão de cada rei coreano, ao passo que a Coreia, numa condição de vassala privilegiada e menina dos olhos das Dinastias Chinesas do Norte e do Centro-Sul, foi aliada importante na resistência ao inimigo japonês por séculos, abastecendo as cortes chinesas com produtos de sua produção autóctone e especiarias.

1.1.2 Integridade territorial

A presença da China e sua cooperação com a Coreia já reforçaram até mesmo a unidade territorial da Península. No evento da Batalha de *Baekgang* (663 d. C), conflito travado na província de *Jolla-do*, na altura do Rio *Geum*, o auxílio em boa hora de sua grande aliada trouxe consequências inesquecíveis para a Coreia.

¹³ Vide o vocábulo *Yalu River* da Encyclopedia Britannica (2011)

¹⁴ Alvo de controvérsia, a Coréia do Norte se chama de seu nome antigo *Josŏn* (enquanto chama a Coréia do Sul de “*Josŏn* do Sul”). No entanto, a República da Coreia adotou “*Dae Han Min Guk*” (frequentemente abreviado como *Hanguk*) e chama a República Democrática Popular da Coreia de *Bukhan* (algo curioso como: Coreia do Sul do Norte). O ex-dirigente e proclamado post mortem “presidente eterno” da Coreia do Norte, *Kim Ilŏng*, quando apresentou sua proposta de Reunificação em 1973 sugeriu que ambos abandonassem os nomes em uso e fundassem uma federação mista com o nome de *Koryŏ*, nome da Coreia de 915 d.C até a proclamação de *Josŏn*.

Sendo que meia década dali a Coreia estaria sob um único rei, o país, que trilhava vias de unificação se viu afrontado por uma força separatista, reacionária e bairrista que se coligara ao inimigo japonês, a fim de atentar contra a integridade coreana e restaurar o reino de *Baekje* (conquistado por *Silla* cerca de três anos antes), como seu aliado. Outra potência, a Dinastia *Tang* da China interferiu, respaldando a investida de *Silla* com um efetivo de mais de 100.000 homens, consolidando uma importante e decisiva vitória da Coreia.

A partir deste raciocínio, duas dimensões importantes para a conservação do território, do sentimento pátrio e da etnicidade coreana podem ser percebidas:

- i) Com o reforço de armas e contingente militar chineses, os coreanos foram capazes de efetuar uma retirada completa dos japoneses do espaço da Península Coreana (os quais mantinham atividades espúrias em seu território)
- ii) Como uma segunda contrapartida, massacraram-se os separatistas (restauradores de *Baekje*, o que deu à Coreia dimensões geográficas muito semelhantes às modernas, evitando que ela voltasse atrás em seu processo de unificação)

1.1.3 Primeira Unificação Coreana

Em 668 D.C, a Coreia viveu o efetivo término do período dos Três Reinos (Baekje [18 A.C -660 D.C], Silla [57 A.C -935/938, quando dá lugar a Goryŏ] e Goguryŏ [37 BC–668 AD]) e se engajou numa experiência de consolidação de três reinos sob uma única coroa. Para ser mais preciso, o processo ocorreu pela via bélica e começou quando Silla conquistou Baekje .

As porções mais ao norte, em territórios que correspondem aos territórios da China, Coreia do Norte e Rússia também foram povoadas por coreanos e povos mohe (tungúsicos), num estado que se denominou Balhae (Parhae ou Bohai, em chinês) e ali também era notória a influência chinesa:

General Tae Cho-yong established the independent state of Parhae (Balhae) in Manchuria. Tang China, despite its grave economic problems at home, became the model for cultural development in

*Parhae and Silla, which became a virtual miniature replica of the Tang dynasty.*¹⁵

Silla Unificada manteve laços estreitos com a Dinastia Tang e, tal aliança foi elemento fundamental para a contínua importação da Cultura, Civilização e Instituição Chinesas. Muitos monges partiram em expedições à China para seguir estudos religiosos.

Evidentemente, essa aliança entre a Coreia e a dinastia Tang da China entrou em crise devido à interferência de Tang por meio do Protetorado e o Rei *Munmu* de Silla forjou alianças com os líderes da resistência *Geom Mojam* e *Anseung* incorporando-os às forças, neste instante, nacionais.

A preocupação e a interferência chinesa eram tão nítidas que em 674 *Gaozong*, da China, decretou arbitrariamente *Kim Immin* como Rei de Silla (com quem mantinha boas relações antes mesmo das guerras de unificação). Neste período, a Coreia passou por um redesenho territorial, e a porção norte do *Taedong* passou a pertencer à China.

A China apresentou uma estratégia de assimilação, uma vez que a Dinastia Tang soube admitir oficiais e comandantes de Goguryō em sua administração, como os irmãos *Yōn Namsaeng* e *Yōn Namsan*¹⁶.

Desde alguns incidentes desse período até o século XIII, predominou um clima de animosidade e as relações entre ambos os países foram rompidas, mas os séculos seguintes contemplaram uma intensificação sem precedentes da aliança sino-coreana, como exposto abaixo.

1.1.4 Invasões japonesas e solidariedade chinesa

Foi no período na Dinastia Josōn, cerca de um milênio após a aliança celebrada com a dinastia Tang, que a Coreia novamente precisou – e pôde – contar com o auxílio

¹⁵ Korean in the eye of the tiger (1996).

¹⁶ Parte relevante do que se conhece da história desse período foi registrada por um alto funcionário chinês da Dinastia Tang chamado Wang Dezhen (王德真) que serviu como emissário em terras coreanas.

da China, uma vez que persistia a eminente ameaça das invasões japonesas de 1592-1598.

O Japão que havia passado por diversas guerras internas e havia consolidado o sistema de xogunato, agora se encontrava em fase expansionista. A Coreia, tão próxima e estratégica, foi vítima dessa ambição japonesa.

O conselheiro da Prússia no Japão, Major Klemens Meckel¹⁷, compôs séculos mais tarde uma frase que se tornou célebre ao declarar que a Coreia era percebida como “uma adaga enfincada no coração do Japão”, como um *issue* histórico que o Japão vinha havia séculos sondando uma maneira de resolver.

A estratégia coreana se mostrou bem sucedida em evitar sua assimilação por forças chinesas, permitiu sua coexistência em cooperação com a China, ou seja, garantiu à Coreia sua integridade territorial, teve seu governo legitimado e reconhecido, evitando ser conquistada por exércitos de “mar humano”, expressão comumente usada para enfatizar a imensidão de soldados que compunham as tropas chinesas.

1.1.5 Reconhecimento dos EUA por intermédio da China

É indiscutível que durante a Guerra da Coreia (de 1950 até o armistício de 1953) os Estados Unidos tenham desempenhado um papel decisivo; na época, apressando a agenda da ONU para responder com uma resolução rápida em ajuda à Coreia do Sul versus um papel crítico e ambíguo na atualidade da Crise da Península, por meio das forças estacionadas¹⁸.

No entanto, aquilo que se conhece como o primeiro contato entre estadunidenses e coreanos foi, na verdade, uma mostra do isolamento em que vivia a Coreia, tomado em consideração o fervor das atividades comerciais com as potências europeias e com os Estados Unidos que países como o Japão vinham empreendendo.

Com efeito, a história do intercâmbio entre as duas nações começou de maneira ruim. E, após o incidente do afundamento de um navio estadunidense - no qual, sequer

¹⁷ Para maiores referências ver: KERST, Georg: Jacob Meckel: *sein Leben, sein Wirken in Deutschland und Japan*. Göttingen: Musterschmidt, 1970.

¹⁸ As USFK que já chegaram a somar 300.000 oficiais, decaíram bastante e hoje somam cerca de 28.500

houvera margem para negociação- os EUA passaram a ambicionar desenvolver relações com a Coreia e, para tanto, designaram essa tarefa a seu ministro na China, Frederick F. Low.

Passado certo tempo, F. Low preparou uma missão para buscar um tratado de comércio com a Coreia e, com o respaldo e a tutela chinesa, a missão teve sucesso, estabelecendo laços diplomáticos com uma futura importante aliada no período da Guerra da Coreia.

O Rei coreano, então, apontou *Min Yǒngik* para servir como ministro plenipotenciário e enviado extraordinário nos EUA numa comissão liderada por *Hong Yǒngsik* para aprender sobre os costumes, a educação e o sistema postal do longínquo continente americano.

1.1.6 Intercâmbio e estreitamento da parceria sino-coreana

O estadista chinês *Li Hongchang*, percebendo a maneira como os japoneses aumentavam seu potencial bélico e intervinham nas questões comerciais coreanas, sugeriu ao governo coreano que selecionasse homens para estudar táticas de guerra e tecnologia militar em seu país.

A Rainha *Min* da Coreia (esposa do Rei *Gojong*), conhecida pela enorme influência que exercia nos “assuntos da administração do país” se tornou uma figura importante na negociação entre ambos os lados chinês e japonês e, graças ao seu talento enquanto estrategista, foi capaz de receber rifles e treinamento do Japão e, no final de tudo, ainda enviou homens à China para que fossem treinados.

Embora esse assunto seja tema de controvérsia na historiografia japonesa, anos mais tarde, enviados japoneses foram culpados pelo assassinio de *Min* e esse episódio gerou descontentamento, impulsionando o sentimento antinipônico.

Meio à escalada das tensões, a Coreia tomou uma medida considerada independente e repudiável segundo o Japão quando, em 1894, 2.800 homens liderados pelo General chinês *Yuan Shikai* adentraram a Coreia como forças auxiliares para suprimir as rebeliões, manifestações e reestabelecer a paz na região.

O Japão se sentia lesado e traído, uma vez que impusera à China por meio da Convenção de Tianjin (nos documentos, em grafia antiga *Tientsin*) que fosse notificado ou consultado quanto a questões militares na Coreia. Mediante a violação, o Império do Japão respondeu com o envio de 8.000 da brigada de Oshima.

As instabilidades que se seguiram conduziram à formação de um novo governo aos 25 de Julho. No entanto, esse evento servia como testemunho do aumento da influência japonesa em todas as matérias concernentes à vida na Coreia, e sua a legitimidade enquanto governo pró-nipônico foi rejeitada pela China que teve de recuar com suas tropas da Península.

1.1.7 Mudança da Capital para a China

Durante a ocupação imperialista japonesa, o Governo Provisório Legítimo coreano teve base em Shanghai, uma vez que o governo japonês havia se instalado de forma tirânica na Península.

Os rumos e descaminhos da ambição em relação à Coreia fizeram com que a sede do governo tivesse, portanto, de encontrar refúgio fora de seu próprio território.

O que se articulou como o “Governo Provisório” representou um engajamento da luta coreana contra o imperialismo e de sua vontade de arrecadar fundos e apoio da comunidade internacional para realizar a Restauração Coreana, derrocando o Governador Geral japonês na Coreia.

Embora a história aponte para um considerável número de nobres, civis e instituições que se beneficiaram da ocupação japonesa (vide nota de rodapé nº 5), esse episódio entrou para historiografia coreana como um dos maiores ultrajes e tentativas de aniquilação cultural por que o povo coreano já tenha passado.

Prova de que a resistência contra a presença dos japoneses não tenha se restringido à esfera política, é que somente no ano de 1908, 69.832 guerrilheiros armados (alistados em frentes de luta que se convencionou chamar “exércitos da justiça” não unificados) se lançaram em 1451 confrontos violentos com forças japonesas.

O que constitui um plausível argumento contrário às alegações japonesas de que suas ações no país tivessem apoio geral e até mesmo partissem da amizade entre seus povos.

Dois anos mais tarde, em 1910, sob o pretexto de uma união entre duas nações amigas, o Japão anexou a Coreia e ali instalou o Governo Geral, com *Terauchi Masatake* como governador residente.

Importante autor coreano, o ufanista *Lee Kibaek* percebe que o Japão tinha receio de tornar público o que, de fato, se passava no país e manteve diversas posturas impositivas e tácitas para evitar levantes populares, a exemplo do fechamento dos periódicos coreanos *Hwangsŏng Sinmun*, *Daehan Minbo*, *Daehan Maeil Sinbo*, além de promover a dissolução de fundações e associações patrióticas¹⁹.

Neste período de combate ao colonialismo japonês, permeado por uma gama de vias possíveis e ideologias alternativas, as forças coreanas de expressão buscaram apoio das mais diversas fontes.

Abaixo, um panorama das vias de maior representatividade:

- i) Figura importante, o primeiro presidente da República da Coreia *Yi Seungman* (que ocupou a presidência de 1948 até 1960) se deslocara até o Havaí em 1909 e começou a estabelecer contato com os EUA, fator que lhe garantiu popularidade meio aos políticos estadunidenses e garantia de apoio futuro;
- ii) Em 1914, o território marítimo russo virou a base de um governo que se intitulava o “Retorno da Luz” liderado por *Yi Sangsŏl* e *Yi Tonghwi*. Eles representavam a parcela de coreanos que cria na independência somente por meio da luta armada;
- iii) Outro grupo que ganhou espaço era o da “independência pela diplomacia”. *Sin Gyusik* se aproximara dos revolucionários chineses desde 1912 e teve um papel importante neste processo²⁰;
- iv) Numa escola localizada na Manchúria, *Kim Ilsŏng* teve contato com a Liga Comunista Jovem que representava as atividades de luta armada em território chinês e coreano. Por seu envolvimento, acabou sendo preso aos 15 anos e foi libertado três anos mais tarde, em 1930. Quase duas décadas mais tarde, sua

¹⁹ LEE, Kibaek - **A New History of Korea** 1984 Pág. 313 (tradução de Edward . W. Wagner)

²⁰ Houve o envio de uma missão pedindo a libertação da Coreia em 1917, no evento da Internacional Socialista em Estocolmo, mesmo ano em que ocorreu o Congresso das *Small Nations* em Nova Iorque – quando os coreanos que se encontravam na China foram representar o anseio de sua pátria por liberdade. Em 1919, na Conferência de Paz de Paris, os coreanos esquivando-se das contingências impostas pelos japoneses se somaram a outras 32 nações.

familiaridade com a China Comunista e o reconhecimento por Stalin de sua liderança frente ao Partido Comunista da Coreia, conferiram-lhe apoio político e bélico.

Em 1919, em repúdio ao domínio estrangeiro foi declarada a independência coreana (*Samil* ou Movimento [de] Primeiro de Março), situação em que 33 signatários compareceram perante as autoridades japonesas para lhes conferir a carta de anulação da penosa anexação que os coreanos sofreram, contudo foram condenados à cadeia²¹.

Em suma, percebe-se que os tratados acima mencionados foram violados e houve rejeição da autonomia coreana por parte do Japão, que massacrou, suprimiu e exilou nacionalistas, cometendo severos crimes contra a humanidade, ao passo que houve pouca ou nenhuma simpatia, interesse ou apoio da comunidade internacional, contexto em que foi a China quem acolheu e deu suporte ao Governo Coreano legítimo.

1.1.8 Assinatura do Armistício: ONU e China

Na configuração do mundo bipolar, a ordem mundial estabelecida pela Guerra Fria, pôde-se discutir a importância do equilíbrio de forças e como as potências do bloco capitalista e socialista foram o embrião da Guerra da Coreia, quando os EUA e a extinta URSS se responsabilizaram por esvaziar os resquícios do Imperialismo Japonês na Península Coreana, no entanto, fizeram dela um dos mais trágicos palcos desse confronto, de uma guerra “não tão fria”, todavia brutal e catastrófica.

Neste sentido, a famosa citação do General estadunidense Omar Bradley bem lembra: “a Guerra da Coreia foi a guerra errada, na hora errada, no local errado com o inimigo errado”.

Por ocasião da Guerra Fria, os chineses lutaram contra os sul-coreanos quando perceberam o avanço bem sucedido do desembarque em *Incheon* do General Mc Arthur.

Nesse contexto, os voluntários chineses (com uma infantaria que somava cerca de 200.000 homens) fizeram com que as tropas aliadas recuassem até o paralelo 38. De

²¹ *Idem* Págs. 333- 334

modo geral, costuma se referir a ao exército chinês com uma locução que se traduz por “mar humano”, dada a sua volúpia.

Antes de tudo, esses solidários chineses representavam o recente sucesso de um processo de unificação em torno do comunismo sediado em Beijing, celebrando o que chamavam de *Xin Zhongguo*, termo para “Nova China”.

Prestes a comemorar um ano de existência (a Nova China surgira em 1949), a eclosão da Guerra da Coreia em 1950 configurava para os chineses um embate entre uma irmã amiga e aliada histórica (que também iniciava uma experiência vermelha) versus as potências imperialistas e capitalistas que escravizaram e dividiram o povo chinês por longa data, todos esses fatores gerando um campo de chacinas e hostilidades de guerra numa nação vizinha, a sua fronteira nacional.

1.1.9 Tutela de Beijing sobre Pyöngyang

Com o colapso da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas em 1991, Pyöngyang passou a depender de auxílios praticamente exclusivos vindos de Beijing e é sabido que itens de extrema necessidade como açúcar e petróleo vêm sendo providos pela China.

Retomando a Guerra da Coreia, no lado chinês se estimam 152.000 vidas ceifadas, 230.000 feridos e prejuízos por volta de RMB 10bi, dos quais a China redimiou a Coreia do Norte. Além disso, existem tarefas de construção de infraestrutura, seja na região fronteira, seja em território norte-coreano, em que a China arca unilateralmente com os custos, atendendo ao interesse da garantia da estabilidade econômica regional.

No entanto, tal como se esmiuçou na seção posterior, a adoção de sanções minimalistas pela parte chinesa, demonstra algumas reconfigurações e prospecções de mudança.

1.2 A Presença Coreana na China na atualidade e vice-versa: ethos e idioma

A história é o cimento que faz com que os muitos *Chaoxianzu*²² (coreanos étnicos) tenham senso de pertencimento e cidadania chinesa e, ao mesmo tempo, não sejam nem menos coreanos na essência, nem firam a autonomia da China.

Podem ser considerados como *Chaoxianzu* na atualidade os descendentes daqueles que já povoavam, sobretudo, o nordeste da China desde o reino antigo de *Goguryeo* (37 A.C - 668 D.C) que compreendia uma área bem mais extensa do que a fronteira que se conhece atualmente da porção norte da Península Coreana com a China até quando se deram os eventos da Ocupação Japonesa (1910-1945) e da Guerra da Coreia(1950-1953), com aqueles que fugiram desses massacres e se estabilizaram na região dada a conveniência de poder seguirem um ritmo de vida coreano e, como terceiro elemento componente, os dissidentes do regime de Pyöngyang que enfrentam penosas fugas rumo a essas regiões na China.

Devido ao intercâmbio que houve entre as elites da Coreia e da China, instituições, língua e cultura passaram por longos de processos de incorporação.

Por isso, constata-se que cerca de 50% a 67% (havendo grande discórdia entre as fontes) do léxico coreano provém de formas adaptadas e evoluídas de termos chineses, seguindo a lógica de que quanto mais formal um texto for, tanto maior será o número de palavras de origem chinesa (como força de comparação, em português, as palavras vindas do grego tendem a ser mais elitizadas e soar mais difíceis que as corriqueiras de origem latina).

No entanto, sabe-se que muitos vocábulos chineses caíram em desuso e a mera presença dos termos em dicionários não tem correlação positiva com sua frequência no dia a dia dos coreanos²³, além do fato que o Pyöngyang desde longa data iniciou uma substituição massiva de termos chineses e estrangeiros por termos nativos coreanos. De

²² Coreanos étnicos, porém cidadãos chineses. *Josönjok*, em coreano.

²³ Artigo Sexto, especificou o emprego de sinogramas em 9 de Outubro de 1948 “ 대한민국의 공용 문서는 한글로 쓴다. 다만, 얼마 동안 필요한 때에는 한자를 병용할 수 있다”.Tradução, a seguir: Na República da Coreia todos os documentos públicos devem ser escritos em coreano e, quando houver necessidade, ideogramas podem aparecer combinados.

semelhante forma, há movimentos ativos neste sentido na Coreia do Sul, mas possuem menos força.

No censo de 2002, estatísticas do Instituto Nacional de Estatística²⁴ apontaram para aproximadamente 1.920.597 chineses *Chaioxianzu* - uma dentre as 56 etnias reconhecidas pelo governo chinês - concentrados nas províncias do nordeste da China, sobretudo em *Jilin*, província em que se encontra a Região Autônoma de Yanbian (*Yeonbyeon*, em coreano), onde pode ser encontrada uma minoria étnica chinesa, sobretudo em faixas etárias mais avançadas, que chega ao extremo de sequer compreender bem o idioma chinês padrão.

Na década passada registrou-se que 36.7% da população dessa região era composta por *Chaioxianzu*. Portanto, tratam-se de populações que convivem com elementos mistos de ambos os povos, gozam de canais de mídia e educação formal em ambas as línguas, fator que decorre de alguns eventos históricos.

Com a preocupação de emitir vistos aos “descendentes de compatriotas em terras estrangeiras”, Seul passou a regulamentar uma categoria específica (F-4) e, desde então, muitos mais chineses *chaioxianzu* puderam se estabelecer e desenvolver atividades na Coreia do Sul.

1.2.1 Yanbian: Quadro de Informações

Do 1,9 milhão de *Chaioxianzu* concentrados na porção nordeste da China, *Yanbian* destaca-se como a maior concentração.

Localizada na parte ocidental da Província de *Jilin* fronteira Rússia e Coreia do Norte, contava com cerca de 816.000 de coreanos étnicos segundo dados de 2005.

Por fim, vale relembrar as dificuldades sofridas pelas mulheres nessas regiões, uma vez que usando dados comparativos por blocos em década, existiu forte polarização do sexo feminino entre os refugiados. Nos anos recentes, alguns autores mencionam que as mulheres passaram de 50% a quase 75% dos *Talbukjas*²⁵.

²⁴ Extraídos do órgão chinês de estatística: <http://www.stats.gov.cn/>

²⁵ In: ROBINSON C. (2010), **North Korea : Migration Patterns and Prospects**, Nautilus Special Report, 4 de novembro de 2010. Contudo, de acordo com o departamento de Estados dos EUA, a

Segundo Robinson, esse fenômeno pode ser explicado pelo déficit de mulheres chinesas no campo e até mesmo em certas regiões industriais, entretanto, uma vez que as fugas são motivadas por razões de diferentes ordens, como: dificuldade econômica (33%), busca por liberdade (20%), discórdia em relação ao governo (14%), ganhar dinheiro (12%), seguir a família (9%), unir-se à família do outro lado da fronteira (6%) e risco de morte caso permanecessem (6%)²⁶, existe uma gama de fatores a serem considerados no plano analítico. O que não se deve perder de vista é que, na pauta rumo à Reunificação da Coreia, a defesa dos direitos humanos, sobretudo dos refugiados e das mulheres, deve ser temática abordada com a devida dimensão.

2.1.1 Cronologia

TABELA 1: As fases mais recentes do desenvolvimento da região de Yanbian e suas características: Incremento Populacional, Era de Intercâmbio e Era de Incentivo.

Incremento Populacional	1860	Levas de migrações volumosas e espontâneas
	1910	Migrações forçadas (em decorrência da anexação da Coreia pelo Japão)
	1982	A Lei de Autonomia Regional passa a vigorar (dentro dos regimentos da lei, por seus 30% de população de minoria étnica, <i>Yanbian</i> garantiu seu status de prefeitura autônoma)
	1990 ↓	Embora não houvesse relação diplomática formal Beijing-Seul, foram registrados nesse ano enormes quantidades de investimentos sul-coreanos, decorrente da troca de escritórios de negócios
Era de Intercâmbio	1992	A normalização das relações diplomáticas (Beijing-Seul) permitiu uma intensificação das atividades econômicas e culturais

polarização é maior, cerca de 80% de refugiadas, dentre as quais 75% são vítimas de tráfico sexual. Fonte: US Department of State.

²⁶ Dados da organização <nknews.org>

Era de Incentivo	2005	<p style="text-align: center;">Uma China diferente:</p> <p>Em contraste com a política do filho único vigente em outras regiões, em <i>Yanbian</i> ter mais de duas crianças acarreta prêmio do governo.</p>
------------------	------	--

2 ASPECTOS POLÍTICOS

Nesta seção, pretende-se discutir três temáticas centrais, são elas:

- i) Por que a ênfase na China para a Reunificação Coreana?
- ii) De onde vem e em quais dimensões se dá o poder de barganha que o gigante chinês possui?
- iii) Por fim, por que a China se apresenta como chave na reconciliação e nas conversações intercoreanas?

A linha do tempo abaixo contempla na extrema esquerda a Península Coreana como a grande aliada histórica da China até *Shimonoseki*; depois, destaca um vão onde se demarca o congelamento de mais de quarenta anos das relações entre Beijing e Seul o qual foi, por sua vez, concomitante à aproximação carne-unha entre Beijing e Pyöngyang.

À direita, a partir de 1992, contempla-se não apenas a retomada das relações sino-sul-coreanas, como sua intensificação a ponto de que se tornassem uma das parcerias mais elementares e estratégicas para ambos os países, no plano regional e global, tanto em termos comerciais, como em matéria de segurança.



O destaque conferido à década de 1960 indica o rompimento das relações entre Beijing e Moscou, por incidentes fronteiriços e o debate ou confronto ideológico sino-

soviético, ocasião em que os chineses acusaram-nos de revisionismo e de cometerem grosseiros desvios da orientação marxista ortodoxa.

Tal fator representou para a China a perda de um aliado da robustez soviética, ocasionando para si uma espécie de isolamento dentro do isolamento, em que se posicionava contrária a qualquer cooperação com os imperialistas, seus adversários dentro da ordem mundial bipolar. Nesse contexto, foi possível e necessário que houvesse um estreitamento dos laços entre Beijing e Pyöngyang, os quais já se respaldavam na história, na geografia e na cultura, mas agora viam nessa aliança a própria subsistência.

Contudo, foi a crise do mundo socialista nas três décadas seguintes a responsável pela criação dos moldes da Nova China *de facto* – a China do Socialismo de Mercado sob Deng Xiaoping – e, desta forma, fomentou o que se destaca no gráfico como “1980”, simbolizado pelas trocas de representações comerciais entre Seul e Beijing, avanço estratégico para o desenvolvimento da cooperação futura.

Há, de semelhante modo, diversos indícios de que essa empreitada tenha sido motivada pelo interesse surgido em cooperar economicamente com Seul, que também vinha se desenvolvendo a uma velocidade assustadora, investindo em pesquisa científica e em geração de tecnologia.

Em contraponto, a aliança Beijing- Pyöngyang se mostra historicamente como a mais rígida, ampla e completa dentre as relações mantidas por Pyöngyang com outras vinte e quatro nações²⁷ em que mantém embaixadores e, o aumento do afluxo desse intercâmbio se vincula, segundo especialistas, diretamente com a sobrevivência do regime:

Despite [...] and ebbs and flows in the relationship, official ties (measured, for instance, by the number of high-level bilateral meetings) improved and economic flows increased in the 2000s, to the point where

27 Em 1972, Kim Il Söng declarou o “ano da diplomacia” e estabeleceu relações com países que embora capitalistas, tivessem esquerdas fortalecidas que em 2012 chegaram a 165 estados ou símiles (entre eles a Palestina e União Europeia). Países com os quais as relações foram posteriormente rompidas : Argentina, Iraque e Chile. Em Paris, há somente uma delegação, sem status de embaixada e na embaixada da Suécia em Pyöngyang se encontra abrigada uma representação dos interesses dos EUA.

*by 2009 China had reemerged as North Korea's dominant economic partner, if not its lifeline*²⁸

Portanto, neste plano de análise, quando se retirou o obstáculo da resistência norte-coreana às relações comerciais entre Beijing-Seul – atentando-se para o fato de que até 1991, Pyöngyang condicionava o não reconhecimento de Seul por parte da China – a China se tornou um agente de ainda maior peso no cenário da aproximação e da redução de tensão na Península Coreana, uma vez que adquiriu de Seul legitimidade e reconhecimento para tal, além do intercâmbio milionário que se firmou entre ambas as economias.

A abertura econômica e as reformas empreendidas pela China sob *Deng Xiaoping* se fazem um primordial argumento de que China seja um ator dotado de uma racionalidade nova e exemplar, que se vale das regras do jogo e que, portanto é distinto daquela China comunista que causava desconforto e certo pavor ao mundo ocidental.

Em outros termos, a China soube usar de um crédito que lhe era único, a fim de garantir seus interesses e, como se enfatiza, sua postura teve uma inflexão enorme no progresso da comunicação intercoreana, conforme se expõe abaixo.

O contexto da década de 1990 era decisivo, pois a Coreia vivia uma reaproximação progressiva, advinda do sucesso da *Nordpolitik*, em que cessava a certo ponto, o tom de calúnia mútua nos meios de comunicação. A propaganda de Estado, neste momento, ganhava uma nova e importante faceta. Isto porque tornava o outro lado da fronteira mais interessante, divulgava o quanto ambos os países tinham a ganhar, veiculando programas fortemente voltados para um país que rumava à Reunificação e que, como se explanou, ganhava fôlego com o exemplo alemão.

*

Em maio de 2000, o *Dear Leader*²⁹ nortecoreano, *Kim Jöngil*, realizou uma repentina visita secreta à China. Eis que logo no mês seguinte, tomou lugar na própria

28 Congressional Research Service, Pág 6

29 O culto à personalidade exercido desde o primeiro dos Kim é alvo de diversas pesquisas no ramo da psicologia e da psicologia política; em coreano, palavras que traduzem enorme apreço como “querido”, “nosso Pai” vêm sendo empregues como recurso para a manipulação das massas.

Península Coreana o encontro dos chefes de Estado do Norte e do Sul - evento que veiculou esperança na comunidade internacional, símbolo de uma “primeira *détente* coreana”, e que, portanto, soava inconcebível até o justo momento de sua realização - sentava-se à mesa de negociação o ditador norte-coreano com sua contraparte, o presidente da Coreia do Sul, *Kim Daejung*³⁰.

Indubitavelmente, tal sucesso resultava de um processo político no qual se destacam as premissas da normalização das relações entre a Coreia do Sul e a China em 1992 e, sobretudo, a implementação, havia duas gestões presidenciais sul-coreanas, de políticas de abertura e de aproximação com Pyöngyang.

As políticas acima mencionadas foram a *Nordpolitik* e a *Sunshine Policy*, respectivamente. A primeira foi fruto do aprendizado adquirido através da Reunificação Alemã e, neste contexto, muitos dos relatórios produzidos pela embaixada sul-coreana em Berlim foram de extrema importância³¹.

De um modo geral, percebe-se que a contraparte do Norte se caracteriza por um isolacionismo crônico e se encontra pouco disposta a fazer concessões, neste sentido, a Coreia do Sul, que já têm uma tradição democrática consolidada, ao longo da história mais recente, tem necessitado empenhar esforços no sentido de recompensar a inércia e reticência de Pyöngyang.

Como uma “política específica em relação ao Norte”, a *Nordpolitik* ambicionava demonstrar disposição para o diálogo e diplomacia com países que tivessem esquerdas no poder, mas que possuíssem uma mínima inclinação para a democracia, portanto, buscaram-se relações comerciais e diplomáticas com nações que gozavam de boas relações com Pyöngyang, de forma estratégica. Já a *Sunshine Policy*, mais centrada na

30 *Kim Daejung* recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 2000 “por seu trabalho pela democracia e pelos direitos humanos na Coreia do Sul e no leste asiático em geral, também, pelos esforços de paz e reconciliação com a Coreia do Norte, em particular” (Fonte: www.nobelprize.org)

³¹ Esse legado é extensamente discutido na publicação do IAP (The Institute for Peace Affairs) : 올바른 통일준비를 위한 독일 통일의 과정과 교훈 (평화문제연구소). Um dos pontos de distinção, no entanto, era evitar seguir a regra o caso alemão, recusando a hipótese de “unificação por absorção” que requeria, em tese, enormes custos econômicos e sociais.

própria cooperação Sul-Norte, patrocinou programas que fomentavam cooperação, intercâmbio e desenvolvimento conjunto³².

De tal modo, primava-se pela ênfase na agenda comum com Pyöngyang. Uma vez que se tinha clareza que, enquanto se enfatizassem apenas as diferenças gritantes entre o Norte e o Sul, nenhuma margem para a Reunificação poderia ser almejada. Sendo assim, por meio da delimitação de objetivos políticos comuns e do aumento do intercâmbio Norte-Sul, fatores intrapeninsulares, e da consonância chinesa, com grande simpatia e suporte da comunidade internacional, até mesmo uma cúpula de alto nível foi possível.

Contudo, por volta de três anos mais tarde, motivada pelos testes nucleares realizados por Pyöngyang, a questão da desnuclearização cresceu em importância na agenda básica das conversações de paz da Península Coreana, situação em que foi a China quem esteve ativamente presente na gênese do diálogo intercoreano mediado, ou seja, nas múltiplas rodadas das Conversações Hexapartites³³, que representaram um avanço enorme na história da cooperação Norte-Sul.

Até o presente, as Conversações Hexapartites têm repetidamente sido mencionadas pelos líderes dos governos dos seis interessados como uma necessidade imperiosa e, segundo diversos especialistas referenciados neste trabalho, são um dos elementos-chave rumo à Reunificação.

*

Numa abordagem breve, desde que se havia oficializado o quadro de separação da Península Coreana com o armistício de 1953, após os patrióticos e unitaristas *Kim Gyusik* e *Kim Gu*, foi o ex-presidente General *Park* o primeiro a trabalhar pela Reunificação, enviando *Lee Hurak* para se encontrar com *Kim Ilsöng* de maneira autônoma em 1972, diminuindo, desta forma, o intervencionismo estadunidense.

³² Na Coreia do Sul, uma frente de oposição daquela década de governo, que hoje se encontra no poder, gera uma propaganda negativa em relação às benesses oferecidas a Pyöngyang.

³³ A nomenclatura em língua inglesa *Six Party Talks* é bastante divulgada e usada em vários trabalhos publicados em línguas ocidentais, a divisão para a Península da Coreia do Itamaraty, no entanto, convencionou adotar a versão traduzida em português.

Posteriormente, houve comunicados conjuntos que, pelas divergências de interesses entre ambos os regimes, não puderam obter resultados palpáveis e, tantas vezes, acabaram resumindo-se em afirmar “pontos semelhantes” nas propostas Norte-Sul e uma direção comum a se seguir, contudo inexistiu uma proposta de nação unificada, com composição mista no parlamento e regime ou forma de governo alvo.

Sem consenso, perpetuou-se o embate clássico entre e a proposta semifederalista de *Kim Il-sŏng*, uma *Soft Federation* que, com o tempo, comporia uma Federação como resultado e a proposta sulista de uma confederação que gerasse um Estado Unitário como produto.³⁴

Contudo, com o passar do tempo, a intensificação das hostilidades na Península causou um aumento da preocupação global com a eminência de um conflito nuclear na região e, nesse contexto, a China - que já havia estado no embrião do diálogo intercoreano esteve presente, também, no processo - consagrando-se como um agente gerador de confiança, fator pelo qual Beijing pôde ser percebida frequentemente como a anfitriã desses diálogos.

Potência regional e global, membra permanente do conselho de segurança da ONU, e recentemente, detentora das maiores reservas internacionais, a China ocupa o posto de segunda economia mundial pelo PIB nominal e paridade de poder de compra. Aspecto a que se dá ênfase, a China é um país cuja diplomacia é sólida e conhecida por sua propriedade em resolver conflitos por meio da não violência³⁵; a China tem uma pauta de interesses a defender na Península Coreana, em ordem de segurança, geopolítica e economia e, a prospecção da Coreia Unificada deve saber se valer das regras do jogo, entendendo o poder da China, assim como seu conhecimento acumulado em matéria de abertura econômica e como esse processo influi na política.

³⁴ Como exemplo de países que sucederam na passagem de uma confederação à adoção de um sistema federativo apontam: os EUA, a Suíça, a Alemanha e o Canadá .

³⁵ Diversos autores a que se faz referência nesse ensaio compartilham da visão de que a tolerância e a boa gerência da questão da reincorporação de Hong Kong, o manejo pacífico do complexo dossiê de Taiwan, as disputas insulares com o Japão e as Filipinas, além dos diversos incidentes nas décadas anteriores vêm demonstrando que a diplomacia chinesa é consolidada e tem uma peculiaridade: manter a estabilidade e evitar a todo custo um conflito direto na região, destoando do espectro belicista ou militarista bastante difundido no leste asiático.

Em complemento, a relação de dependência econômica de Pyöngyang para com Beijing, a necessidade da proteção advinda da nação irmã chinesa e a capacidade de influência da China sob a Coreia do Norte serão temáticas contempladas abaixo.

Na realidade, a China somente foi capaz de formalizar relações diplomáticas com Seul numa manobra, em muito, orquestrada por *Li Peng* em 1991, quando da entrada conjunta do Norte e do Sul na ONU³⁶.

Resultado de uma importante confluência de fatores como: a decisão política e estratégica de Seul de se aproximar de países que em tese seriam seus inimigos ideológicos, rompendo barreiras e pavimentando o caminho do diálogo com Beijing, o não veto russo (que impediria a entrada de Seul), aliado, por fim, a alguma disposição do regime fechado da Coreia do Norte para se sentar à mesa de negociação.

No tocante à entrada na ONU, a Resolução 702 do Conselho de Segurança das Nações Unidas foi, sem dúvida, plurissignificativa para a China. Pois, por um lado, ela aliviou a tensão da ameaça de uma nova tragédia nuclear, pavimentou a via da transformação do governo de Pyöngyang em um governo mais responsável perante a comunidade internacional, em tese, comprometendo-se a lutar pela paz no mundo e, de fato, frear a produção de material nuclear³⁷, mas por outro, não menos digno de atenção, significou uma porta escancarada para o diálogo entre Beijing e Seul.

Merece atenção o fato de que além de ser uma aliada histórica da Coreia (como já se explanou extensivamente) e de ser a entidade mais próxima e precípua à sobrevivência do regime de Pyöngyang, a China ainda se valeu de uma diplomacia consistente que lhe permitiu vir a ser uma ponte que intermedeia o diálogo norte-sul.

Portanto, uma vez que a China ainda vive certo atraso em relação à plenitude do exercício dos direitos humanos e, ainda mantém laços estreitos com a Coreia do Norte, aparentemente, uma análise descuidosa poderia entender a diplomacia chinesa como uma real incógnita, embora muitas evidências históricas já tenham apontado para a direção oposta.

³⁶ KIM, Jungsup. **International Politics and Security in Korea**. s.l., Elgar, Edward Publishing, Inc., 2007

³⁷ Pyöngyang ratificara o tratado em 1985 e o abandonou em 2003, após insinuações da contraparte estadunidense de que se houvesse iniciado um processo de enriquecimento de urânio com fins militares.

Outrossim, neste trabalho, o revisionismo e autocrítica pela qual passa o PCC, punindo dirigentes do alto escalão indiciados por corrupção, somado às recentes alegações de que campos de trabalho forçado serão progressivamente desinstaladas, somam-se em peso de argumento.

Por fim, a China é decisiva para se discutir a Reunificação Coreana, justamente por ser uma das maiores envolvidas na questão, pela influência que exerce sobre as decisões e manejos políticos regionais e, porque goza de experiência política, exemplo vivo do que Pyöngyang necessita para desbloquear a longa via de uma Reunificação Pacífica nos termos democráticos de Seul.

2.1 Implicações estratégicas do enlace econômico e geopolítico sino-norte-coreano

Dependência em relação à China e o papel político do Status Quo na Coreia

A assistência provida pela China à Coreia do Norte é ampla e se dá em múltiplos âmbitos, como o energético e alimentar, fator que somado ao crescimento dos investimentos e aumento do comércio bilateral presenciado nas últimas décadas se faz mais que essencial à sobrevivência, numa primeira instância e, posteriormente, à aparente estabilidade política e social do regime de Pyöngyang. Com destaque, a China é, portanto, a fonte primordial de tecnologias e divisas para a Coreia do Norte.³⁸

Até mesmo em 2012, quando da comemoração do centenário do primeiro da dinastia dos Kim, cerca de 80% dos bens de consumo nacionais norte-coreanos passavam direta ou indiretamente pela China. Na verdade, Pyöngyang já se dera conta da crescente dependência em relação à China e optara por exercer políticas econômicas em prol da infraestrutura de transportes, enquanto modernizava e explorava produção mineral e eletricidade.³⁹

³⁸ Verifica-se que até 2005, Beijing provia a Pyöngyang até 1 milhão de toneladas anuais de matéria combustível pesada e grãos de maneira infalível. Em 2008, as trocas com a China representavam mais de 70 % do comércio exterior norte-coreano e, em 2010, quase 80% dos investimentos estrangeiros eram chineses [Lee, 2010]

³⁹ Collin (2010) aponta o contraste da aplicação de 35 % do PIB nessas áreas em 2008, frente a 8,3 % em 2005.

Para a China, a cooperação econômica com Pyöngyang constitui um dos componentes do plano de revitalização do Nordeste desenvolvido com maior ênfase desde 2004. Os atores econômicos provinciais e locais das províncias das regiões do nordeste chinês (*Liaoning* e *Jilin*) vêm investindo maciçamente na questão infraestrutural para viabilizar o comércio na fronteira. Vê-se, por exemplo, que a China arcou – unilateralmente – com a construção da ponte *Dandong – Sinüij* ⁴⁰.

O que se contempla é que as relações entre ambos os países têm sofrido um processo de mudança, à medida que a China se reestruturou interna e externamente, movida pela abertura econômica e, conseqüentemente, política.

O interesse e a preocupação da China a cada minúcia que se passa na Península Coreana, no entanto, não diminuiu nenhum pouco e, aparentemente, vêm aumentando, o que se justifica, tantas vezes, pelo papel da China de garantidora da instabilidade e conciliadora entre a Coreia do Norte e os demais entes internacionais.

The shared interests and identities between the two governments were enough to assure cordial relations for decades. But these mutual affinities began to diverge in the early 1980s when the PRC initiated economic reforms and market mechanisms under Deng Xiaoping's leadership, and in 1992 when Beijing established full diplomatic ties with South Korea ⁴¹

O relatório do CSR sobre as relações sino-norte-coreanas – o qual serve de orientação para os congressistas dos EUA no trato de sua *North Korean Policy* ⁴² – apresenta a China como uma entidade que rejeitou o zelo ideológico excessivo do passado, tornando-se uma economia de mercado pragmática e competitiva, ator econômico e político de crescente importância no sistema internacional.

Enfatiza, também, que exista um impasse ou certa dificuldade de conciliação, à medida que a aliança militar Beijing-Pyöngyang perdura e ocorre um enorme afluxo de auxílio econômico migrando para socorrer o regime norte-coreano. Isso porque,

⁴⁰ Idem.

⁴¹ SNYDER, Scott. **China's Rise and the Two Koreas: Politics, Economics, Security**, s.l.: s.n., 2009.

⁴² Congressional Research Service - **China-North Korea Relations** 2010, disponível em www.crs.gov, acessado em dezembro de 2013.

enquanto é socorrida por Beijing no plano econômico, Pyöngyang isola-se no plano ideológico, num ciclo-vicioso rumo a uma política econômica suicida.

Com efeito, Coreia do Norte e China dividem uma fronteira extensa de aproximados 1400 km, e logo nela, reside uma ameaça incessante de um conflito de proporções nucleares. Assim, a China encontra-se impossibilitada de agir sempre em conformidade com as expectativas ou pressões advindas da ONU e, segue com sua racionalidade peculiar em seu lidar com eventuais mínimos desbalanceamentos na Península.

Diversos estudos têm explicado o Status Quo na Península Coreana não como indisposição de um órgão que detém o poder de gerar mudança, mas como uma tradução da preocupação chinesa com a reeclosão da Guerra da Coreia - um conflito de proporções inimagináveis e perdas irrevogáveis, assim como por seu interesse comum com Pyöngyang - que como já se mencionou, não é outro, senão a preservação da estabilidade.

Sabe-se que a China vive reformas e, cada vez mais no presente, desempenha um papel de encorajamento à Coreia do Norte a dialogar e a abrir-se, seguindo o modelo de sucesso da China. Assim, têm-se testemunhado crescentes tensões internas e incompatibilidades cada vez maiores entre as alas do PCC, uma ala mais velha que defende o apoio à nação irmã coreana e outra, mais nova, que defende a ressignificação da estratégia chinesa, visando à prospecção de uma renovação na Coreia do Norte.

O relatório e outras bibliografias atentam para o fato de que produções acadêmicas chinesas e, até mesmo, declarações de oficiais chineses têm enfatizado o patrocínio do Estado Norte Coreano mais como um fardo do que um benefício, apesar de sua importância estratégica, o que sinaliza a possibilidade de alterações no equilíbrio na Península Coreana, assim como escancara portas para a mudança.

Em resumo, a relação entre Beijing e Pyöngyang vive um tempo amigável, mas tanto em âmbitos diplomáticos, como em econômicos, sofre sérias consequências do posicionamento negativo da parte chinesa após os testes com mísseis em 2009, quando Beijing passou a apoiar as sanções do Conselho de Segurança da ONU contra Pyöngyang.

2.2 Sanções chinesas contra Pyöngyang

Os debates advindos com o novo milênio celebraram também um aprofundamento das relações econômicas entre a China e a Coreia do Norte.

Nessa via de aproximação, a China - país visado no meio internacional, sobretudo por seu papel na economia mundial e relevância nas questões de segurança no pacífico -, aponta como um agente que goza de um diferencial assaz único.

Segundo o Collin, esse diferencial se traduz em poder aderir a sanções internacionais impostas a Pyöngyang, enquanto mantém relações econômicas e cooperações fronteiriças de alto nível sem que as suas relações conheçam um cem avos da instabilidade das relações do regime para com outros países⁴³.

Além disso, houve propostas da parte chinesa no sentido de se estabelecer uma zona de livre-câmbio que se estendesse até o Japão, e concomitantemente, causando certa estranheza, chegou a sugerir que se firmasse uma Parceria Estratégica com Seul, todavia as atividades militares conjuntas das USFK realizadas no Mar Amarelo recebem críticas severas e podem servir de empecilho enorme à concretização dessa aliança.

Quanto às sanções internacionais, de um modo geral, as autoridades chinesas não hesitaram em apoiá-las ou adotar medidas coercitivas, sobretudo, no episódio das notáveis transgressões de outubro de 2006 e maio de 2009. Se a década anterior tinha sido marcada por certa passividade, em 2003 se iniciou um testemunho expresso da vontade de solucionar o conflito pela via do diálogo, evitando todo e qualquer risco nas suas fronteiras⁴⁴.

Tanto Collin quanto o *Report* dos congressistas estadunidenses expõem que a China apoiou com firmeza as resoluções 1718 (de outubro de 2006) e 1874 (de junho de

43 Nota-se que mesmo meio a represálias de Beijing contra si, a Coreia do Norte teve um comportamento atípico, enviando de bom grado o Vice Marechal Choi Ryonghae para uma visita oficial de Estado e, numa varredura nos sites de informação oficial da República Popular Democrática da Coreia se constata que não houve nenhuma calúnia ou inquietação por parte da adesão chinesa às sanções.

44 SÉBASTIEN, Colin Sébastien. **Péninsule et incertitudes coréennes : quels enjeux géopolitiques pour la Chine?**, Hérodote: s.n. 2011/2 n° 141, p. 75-97. DOI : 10.3917/her.141.0075

2009) do Conselho de Segurança da ONU, o que contrasta fortemente com a estratégia antiga de abstenção chinesa nas votações que decidiam sanções contra Pyöngyang⁴⁵.

A China se somou aos EUA na preparação de exercícios multilaterais contra a proliferação de armas nucleares, supervisionou navios suspeitos de carregar armas de destruição em massa, assim como implementou uma série de sanções financeiras contra Pyöngyang. Possivelmente, uma das mais drásticas e imediatamente sentidas deu-se quando certo número de bancos chineses em *joint-venture* com bancos norte-coreanos tiveram suas transações congeladas. Por fim, a China proibiu o sobrevoo em seu território de aeronaves norte-coreanas com destino ao Irã, justamente pela suscetibilidade do transporte de material nuclear.

Contudo, outros autores, como Nanto e Manyin (2010) apontam para certa controvérsia na natureza dessas sanções. Valem-se de uma alegação dos EUA de que os norte-coreanos ainda puderam utilizar rotas aeroespaciais chinesas sem grande risco de inspeção, pois até mesmo produtos de luxo que em tese teriam sido banidos, continuaram afluindo sem empecilhos e, passado o outono de 2009, houve a retomada do intercâmbio e cooperação militar entre a Coreia do Norte e a China.

Independentemente, visando ao próprio sustento de uma abertura da Coreia do Norte, as medidas tomadas nunca foram “esmagadoras” e muitas delas não passaram de temporárias, pois o objetivo das autoridades chinesas não é o de estrangular o regime de Pyöngyang, mas o de fazer com que essa retorne à mesa de negociações.

Por isso, essas sanções são um veículo da insatisfação e não representam de forma alguma um sinal de abandono da parte chinesa, apesar da existência da pulverização dos debates e divergências de ponto de vista entre atores diplomáticos e militares chineses.

2.3 Política Externa Chinesa

45 Consoante a esse fator e, nem por isso menos curiosas, foram os embargo sobre equipamentos militares pesados, mercadorias associadas à produção de armas nucleares e, até mesmo, produtos de luxo, seguidos de um congelamento na nas transações financeiras, redução temporária de fornecimento de petróleo (setembro e novembro de 2006, fevereiro e março de 2007). Na época, houve inspeções de fronteira e até cancelamento de voos com destino a Pyöngyang, sendo que durante diversos dias, seus postos de fronteira estiveram fechados.

Em primeiro lugar, deve-se atentar ao fato de que a política externa chinesa é também filtro e porta-voz de algumas demandas internacionais que enfrentam dificuldade de dialogar diretamente com a Coreia do Norte e precisam sofrer “triangulação” em que o pivô dessas demandas, como por exemplo, a dos EUA, é a China.⁴⁶

Tendo em vista as características mais notórias da Política Externa chinesa há já mais de um decênio, têm figurado fatores nos quais reside uma primordialidade em relação à sua preocupação desenvolvimentista e com o crescimento econômico, dentre os quais:

- i) preservação da estabilidade no âmbito regional;
- ii) aprofundamento das relações econômicas com os países vizinhos.

Nesse plano de análise, destacam-se três tendências globais:

- a) redução das tensões do dossiê nuclear de Pyöngyang ;
- b) conservação dos laços tradicionais e das relações econômicas com Pyöngyang;
- c) cooperação econômica com Seul.

Collin (2011) dedica uma seção à análise do programa nuclear norte-coreano e da relação chinesa para consigo. Traz-se à discussão o descontentamento e a desaprovação quanto ao desenvolvimento dessas armas na região - fator que incide nas alarmantes quedas nos níveis de simpatia a Pyöngyang nas camadas de governo do PCC e populares chineses nos últimos anos.

O autor acrescenta dois motivos de peso para o engajamento chinês na questão das armas nucleares são: sobretudo, a rivalidade em relação à liderança e ingerência japonesa na região, somado ao receio de um “efeito dominó armamentista” no nordeste asiático, incluindo não apenas Seul e Tóquio, mas também Taiwan.

Uma segunda fonte, um relatório do *Center for Strategic and International Studies* comunga dessa visão:

⁴⁶ Scott Snyder em **U.S. Policy Toward North Korea** (2013) e **China-North Korea Relations**, December (2010) Congressional Research Service CRS Report Congress

“Although the Chinese do not view North Korea's acquisition of nuclear weapons as an existential threat to China, there are worries that a perception of a growing nuclear threat could lead South Korea, Japan, and even Taiwan [...]. North Korea's nuclear programs and demonstrated provocations have already prompted the United States, Japan, and South Korea to strengthen defense coordination and have led Tokyo and Seoul to enhance their missile defense. These developments are judged to have had a harmful impact on China's security environment”⁴⁷

Em suma, a China, que é um agente racional e afirma seus interesses regionais, em seu papel de parceira da Península Coreana como um todo, contemplou na crise nuclear sua emergência como árbitra regional e potência mundial decisiva na organização das Conversações Hexapartites. Perante a sociedade internacional, o país é uma potência conciliadora, estabilizadora e responsável, capaz de resolver conflitos regionais.

2.4 Conversações Hexapartites

Since the bilateral negotiations between the United States and the Democratic People's Republic of Korea (DPRK) on the denuclearization of the Korean peninsula failed to produce any effective outcome in the 1990s, China was brought to the table and agreed to play its part as a mediator in the Four Party Talks (1997-1998) between both Koreas and the United States. [...] Later on, China hosted the Six Party Talks.⁴⁸

As Conversações Hexapartites significaram uma tradução expressa da eficiência e do poder de barganha chineses e de sua responsabilidade com uma desnuclearização pacífica na Coreia. Orientadas por um acordo em que Pyöngyang abraçaria o compromisso de abandonar seu programa nuclear e renovaria, a base de incentivos materiais e imateriais dos outros membros, os termos do tratado sobre a não proliferação de armas nucleares, o desfecho deveria ter sido uma inspeção da Agência

⁴⁷ Disponível em: <http://csis.org/files/publication/121217_Glaser_ReOrderingChinese_web.pdf acessado em 15/10/2013 >

⁴⁸ **The DPRK in China's Post-Cold War Foreign Policy - A Neoclassical Realist Analysis** (2013)

Internacional de Energia Atômica, o que não ocorreu por intransigência da Coreia do Norte.

Por seu papel ativo como um grupo de trabalho para a constituição de um mecanismo de paz e de segurança no nordeste asiático, essas conversações têm operado como um teste para a diplomacia chinesa e de sua real capacidade de operar em prol da estabilidade regional⁴⁹.

O alto grau de envolvimento de diversos setores chineses, somando esforços na realização dessa grande comitiva, demonstrou-se com relevância inegável. De fato, houve desdobramentos colossais da parte do *Waijiaobu* (Ministério das Relações Exteriores da RPC) junto a um órgão do PCC incumbido das “Conexões Internacionais do Partido Comunista” e, não apenas, pois, sem os esforços pessoais da própria cúpula dirigente, representada pelos presidentes, na ordem, *Jiang Zemin* e *Hu Jintao*, os eventos poderiam sequer ter ocorrido.

Embora se tenha chegado aos acordos de setembro de 2005 e fevereiro de 2007, Pyöngyang agiu de maneira independente, anulou unilateralmente certas medidas por comunicado oral e, conseqüentemente, pela retomada expressa de suas atividades nucleares.

Como se explicita numa seção abaixo, tais transgressões como os disparos de mísseis balísticos de longo alcance e testes nucleares, causaram descontentamento a Beijing, o qual terminou adotando sanções e medidas coercitivas.

Consideradas pelas autoridades chinesas como um dentre os mais bem sucedidos dossiês da política externa chinesa, é percebido por analistas como:

- 1- Fundação para o estabelecimento de um quadro de segurança regional;
- 2- Fórum da desnuclearização e não proliferação de armas nucleares;
- 3- Fórum para alívio da tensão no tocante a litígios marítimos e insulares;
- 4- Proteção coordenada do meio-ambiente, e de eventuais questões ou problemas de segurança não-tradicionais, num último instante, até mesmo integração econômica⁵⁰.

⁴⁹ SÉBASTIEN, Colin Sébastien. **Péninsule et incertitudes coréennes : quels enjeux géopolitiques pour la Chine?**, Hérodote: s.n. 2011/2 n° 141, p. 75-97. DOI : 10.3917/her.141.0075

⁵⁰ CAI, Jian . **The Korea Nuclear Crisis and The Changing Sino-DPRK Relationship** (2010)

De acordo com o comunicado conjunto emitido em Novembro de 2009, no evento da visita oficial do Presidente Obama à República Popular da China⁵¹, não restaram dúvidas de que ambos os países desejam a retomada dessas conversações que agregam os seis maiores interessados na questão de paz na Coreia.

Percebe-se que esse tipo de fórum permite, não apenas certo grau de alívio à tensão regional, como também uma prospecção do papel da China enquanto mediadora de conflitos, servindo até mesmo como um encontro extraoficial para a resolução de pendências históricas, como suas disputas insulares com o Japão.

Mesmo em momentos cruciais, como o março de 2010 - torpedeamento do *Chōnan* - ao se examinar o comunicado do porta-voz chinês e a própria mídia chinesa, aparentemente, não houve nenhuma adoção de uma condenação aberta⁵² ao evento. Novamente, em novembro de 2010, quando Ilha de *Yōnpyōng* sofreu bombardeio - ocasionando inclusive a morte de civis-, a China se preocupou em convocar conversações emergenciais, as quais foram recusadas por Seul e Washington.

2.5 Antiamericanismo e um adendo sobre as relações sino-sul-coreanas

Sem dúvida, a reticência e a inércia de Pyōngyang têm constrangido diversas tentativas de aproximação por parte de Seul, a exemplo das iniciativas do General Park, do Plano Piloto de *Jōn Duhwan*, até mesmo as políticas de aproximação e reconciliação dos anos 1980-1990. Posteriormente, com o agravamento da crise nuclear, cada vez menos, surge margem para uma agenda comum que vise à construção da Coreia Reunificada.

A mídia internacional sugeriu com frequência que a própria ascensão de *Kim Jōngeun* em 2011 tenha frustrado expectativas, no sentido de que, o advento de uma liderança mais jovem e que tinha tido experiência no exterior fosse capaz de criar um cenário favorável a um quadro de mudança, seguindo o caminho da China e realizando

⁵¹Vide: < <http://www.whitehouse.gov/the-press-office/us-china-joint-statement>>

⁵² Um colapso repentino do regime norte-coreano constituiria uma séria ameaça à própria estabilidade da península, por meio do qual, um enorme fluxo de refugiados poderia originar uma guerra civil entre diferentes facções do poder norte-coreano, ou suscitar um novo conflito Norte-Sul, fatores de instabilidade que a racionalidade política chinesa evita a todo custo.

abertura e reformas econômicas para garantir a não implosão do regime e seus altíssimos custos sociais.

Contra todas as expectativas, muitas manobras que acresceram tensão na Península foram executadas como forma de consolidação do regime e da autoridade do recém-assunto dirigente⁵³.

Concomitantemente ao crescimento da importância de Beijing na manutenção do equilíbrio entre as Coreias, tem existido um discurso a respeito do desgaste da imagem dos EUA e, episódios como o Incidente de 2002⁵⁴ alimentaram um debate acerca da presença estadunidense. Esse incômodo não é apenas percebido por sua rival, a Coreia do Norte, como também pela China.⁵⁵

Pauta *sine qua non* para a discussão sobre se haveria algum apoio ideológico e/ou financeiro vindo dos chineses à Reunificação da Coreia, frequentemente, é se e quanto a República da Coreia e os Estados Unidos conseguiriam ceder neste sentido, o que soa bastante controverso, uma vez que os EUA patrocinaram e asseguraram a segurança da Coreia do Sul desde o Tratado de Defesa Mútua de 1953.

Como consequência do desgaste dos EUA, manifestações populares eclodiram e sua maior crítica era voltada aos altos custos da manutenção de um ente que acabava, tantas vezes, sendo uma carta-revés nas negociações com a Coreia do Norte.

A gestão presidencial seguinte ao incidente, a do Presidente *No Muhyŏn* (de 2003 a 2008) promoveu uma redução significativa do contingente dessas tropas, como se nota, passando de 37.000 a 25.000 no final da gestão⁵⁶.

Embora se percebam com frequência, vozes que clamam por maior redução das tropas estadunidenses na Coreia do Sul e por uma diplomacia sul-coreana mais independente, os EUA são sempre considerados como indispensáveis à segurança da

⁵³ Como a declaração por parte de Pyŏngyang do cancelamento do Tratado de Não Agressão Mútua.

⁵⁴ A morte de duas estudantes em *Yanju* causou comoção nacional. Vide: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/asia-pacific/2552875.stm>> (protestos em Seul contra a presença das USFK, forças estadunidense estacionadas na Coreia).

⁵⁵ A bibliografia em sua completude enfatiza que a China, por questões de ordem de segurança tenha esse tipo de preocupação e não tolera a existência tropas estadunidenses estacionadas acima do paralelo 38, o qual fraciona a Península desde a configuração do quadro de separação entre Norte e Sul, remontando à evacuação do Exército Japonês pós-II Guerra e a Guerra Fria.

⁵⁶ Disponível em: <<http://uskoreainstitute.org/wp-content/uploads/2010/05/2006-SAIS-USKI-YB-Chapt2.pdf>>

Coreia do Sul e constituem um dossiê complexo de conciliação entre até que ponto a China envolver-se-ia e em que medida afastar-se-iam os EUA.

Os sul-coreanos também têm enxergado na China uma alta parceria estratégica, em que a circunvizinhança do Mar Amarelo e do Golfo de *Bohai* se tornam progressivamente um importante espaço de interconexões econômicas em que figuram grandes conglomerados sul-coreanos⁵⁷. Até mesmo os estudantes coreanos já constituem, de largo, o maior grupo de intercambistas na China, o que se traduz uma boa relação entre os países e a importância das trocas entre ambos.

Em maio de 2008, cogitou-se o firmamento de uma parceria estratégica que visasse a igualmente aprofundar suas trocas militares – fator para que, todavia, imagina-se que se desse permeado por limitações barganhadas pela Coreia do Norte – e, por fim, ampliação da colaboração sino-sul-coreana em tarefas regionais e mundiais.

Assim como Collin, o presente trabalho indaga se: a interdependência econômica sino-sul-coreana tornaria Seul suscetível a presenciar um giro em suas relações tradicionais de segurança com os EUA, em salvaguarda dos interesses geopolíticos da China?

O que se pode afirmar de antemão, tendo em vista o aumento dos investimentos da China na Coreia do Sul e vice-versa, o alto fluxo turístico, os programas educativos cruzados e o papel construtivo nas Conversações Hexapartites, a cooperação se reforça e, progressivamente, o crédito e a imagem positiva da China no seio da sociedade sul-coreana aumentam, ao passo que o sentimento anti-estadunidense se reforça.

⁵⁷ Majoritariamente instalados nas províncias de *Shandong*, *Jiangsu*, no nordeste chinês (onde residem muitos coreanos étnicos) e em municipalidades como Beijing e Tianjin.

CONCLUSÃO

Com efeito, a expectativa internacional de mudança na postura da Coreia do Norte com a ascensão de *Kim Jõngeun* foi frustrada. Dentre as duas vias possíveis, a da cooperação e a do isolacionismo, *Kim Jõngeun* optou por aprofundar a crise na Península Coreana.

Essa escolha política norte-coreana explica-se por sua vontade em ser reconhecida por parte da Comunidade Internacional como nação detentora de armas de destruição em massa, o que vai de encontro à proposta de desnuclearização negociada nas Conversações Hexapartites, que envolvem grandes potências globais preocupadas e envolvidas diretamente na questão.

Reforça-se, então o papel da China enquanto mediadora que goza de boas relações com ambas as Coreias, maior aliada e parceira comercial norte-coreana e que se tem arrogado o papel de mediadora coercitiva, sobretudo, em tempos de crise, particularmente quando os canais de comunicação com Pyongyang encontram-se rompidos.

Como se abordou, somam-se elementos de barganha a favor da China. Entre os quais, o fato de ser a sede das Conversações Hexapartites, grande pivô nas relações entre os EUA e a Coreia do Norte, além de seu proeminente papel em diversas organizações que tratam diretamente com temáticas norte-coreanas. Além de ser um país com vasta experiência em matéria de reforma e abertura econômica, que abandonou o zelo ideológico excessivo e entrou para o novo milênio como uma potência de pujança regional e global, portanto, um modelo de renovação para a Coreia do Norte.

Em adendo, a China possui uma responsabilidade e uma capacidade singular, por sua posição enquanto membra no Conselho de Segurança e aliada histórica da Coreia do Norte que, mesmo ao aderir a sanções contra Pyongyang, é capaz de continuar exercendo influência e encorajar a busca de alternativas pacíficas e responsáveis para as crises e conflitos com a Coreia do Sul e os EUA. A bibliografia adotada ironiza a expressão “Nova China” no contexto maoísta e elogia o pragmatismo, o progresso e as novas alas do Partido Comunista Chinês que buscam fazer do país um

ator econômico e político de crescente importância no Sistema Internacional. Neste sentido, sugere-se que a geração mais jovem do PCC admitiria uma reunificação em torno do governo de Seul.

Além do mais, tanto a Coreia (à época, unificada) quanto a China foram vítimas do voraz imperialismo japonês e, portanto, têm se aproximado no discurso de oposição a Shinzo Abe, que promove políticas de retorno ao militarismo na região.

Em complemento, o tratado de Amizade, Cooperação e Assistência Mútua assinado em 1961 pelo premiê chinês *Zhou Enlai* e *Kim Il-sŏng* prevê reajustes ou sua revalidação automática a cada duas décadas, tendo sido reformado em 1981, em 2001 e agendado para revisão em 2021.

O reflexo do aprofundamento das relações entre a Coreia do Sul e a China traduz-se na nova estratégia regional, que pode permitir a reconfiguração das relações entre a China e a Coreia do Norte nos anos seguintes.

Em resumo, os termos de Beijing são parte importante da agenda de Reunificação da Península Coreana e eventuais antagonismos, que visam priorizar a presença das tropas estadunidenses devem ser evitados, pois a gradual remoção destas aparenta não ameaçar até mesmo a cooperação militar futura entre a China, a Coreia Unificada e os EUA.

Entretanto, é importante frisar que a Coreia Unificada enfrentaria um projeto caro e massivo para minimizar as diferenças de desenvolvimento e do desnível econômico entre as Coreias. Contudo, a China, por seu papel econômico, é capaz de estimular a Coreia do Norte a abrir-se, modernizar-se desde o presente e a buscar o diálogo com Seul.

É patente que a China aponta como a escolha mais evidente para alavancar a economia regional o que, por sua vez, concretiza o benefício e a satisfação de um projeto de longa data dos chineses: o acesso aos recursos mineiros, humanos e mercados em expansão na porção norte da Península. O fluxo de comércio crescente e a rodovialização da Península geraria um aumento do comércio com o já grande parceiro do Sul o qual seria lucrativo para todos, principalmente para a China.

Enfim, uma Reunificação pacífica e duradoura é o que deseja a Coreia como um todo, o que, por sua vez, constitui-se grande trunfo para a China em âmbitos políticos e econômicos, além de avanço significativo rumo à Paz Mundial.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARMSTRONG, Charles K. *Centering the Periphery: Manchurian Exile(s) and the North Korean State*. In: **Korean Studies**. Hawaii: University of Hawaii Press, 1995.

BONNIE, S. Glaser, et al. **Reordering Chinese Priorities on the Korean Peninsula**. Washington: Center for Strategic and International Studies, 2006. Disponível no domínio: <http://csis.org/files/publication/121217_Glaser_ReOrderingChinese_web.pdf>

BREUKER, Remco E. **Korea in the middle: Korean studies and area studies : essays in honour of Boudewijn Walraven**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2007. Disponível no domínio: <http://books.google.com.br/books?id=yCDZtFu_1UIC&pg=PA341&redir_esc=y>

COOPER, Caroline G. **China and the WTO: implications for South Korea and Japan**. Esse artigo foi originalmente apresentado no simpósio anual da *National Defense University*, nos dias 7 e 8 de abril, 2000. Disponível no domínio: <www.ndu.edu/inss/symposia/pacific2000.agenda.html>

HANHIMÄKI, Jussi M. **The Cold War: A History in Documents and Eyewitness Accounts**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

HAWLEY, Samuel. **The Imjin War, Japan's Sixteenth-Century Invasion of Korea and Attempt to Conquer China**. Seoul: The Royal Asiatic Society, Korea Branch, 2005.

HODGE, Carl Cavanagh. **Encyclopedia of the age of imperialism: 1800-1914. A - K**, Volume 1. s.l.: Greenwood, 2007.

HUARD, Christine. **The DPRK in China's Post-Cold War Foreign Policy: A Neoclassical Realist Analysis**. Canada: Université de Montréal, 2012.

KICHAN, Bae. **Korea at the crossroads: the History and Future of East Asia**. Seoul: Happy Reading Books, 2007.

KIM, Jungsup. **International Politics and Security in Korea**. s.l., Elgar, Edward Publishing, Inc., 2007.

LEE, Ji-yong. **North Korea's Economic Policy and Growing Economic Cooperation with China. Analysis of Current International Issues**, s.l., s.n., 2010.

LEE, Kibaek. **A New History of Korea**. Cambridge: Harvard University Press, 1984 (tradução de Edward W. Wagner)

LEE, Sang-ssok, “**North Korea-China Treaty of Friendship: New Implications and Current Bilateral Relations**”, *Analysis of Major International Issues*, Institute of Foreign Affairs and National Security.

MEDEIROS, Carlos Aguiar de. **A economia política da crise e da mudança estrutural na Ásia**. In: Yearbook of the United Nations 1991, Volume 45. United Nations: Martinus Nijhoff Publishers, 1992.

POLLACK, Jonathan D. Pollack. **North Korea's Nuclear Adventurism Tests China's Patience**. Michigan: Yale Global Online, 2009.

OLIVEIRA, Amaury Port. **A política coreana na Ásia: aspectos políticos e militares**. in: GUIMARÃES, Samuel Pinheiro (Org.). *Coréia: visões brasileiras*. Brasília: IPRI, 2002. Pg.:133-156

OLSEN, Edward A. **Korea. The Divided Nation**. s.l.: Praeger Security International, 2005.

SHIN, Hyongsik. **A Brief History of Korea**. Seoul: Ewha Womans University Press, 2006.

SNYDER, Scott. **China's Rise and the Two Koreas: Politics, Economics, Security**, s.l.: s.n., 2009.

SRIVASTAVA, Mahavir Prasad. **The Korean Conflict : Search for Unification**. New Delhi: Prentice Hall of India, 1982.

염돈재. 『올바른 통일준비를 위한 - 독일 통일의 과정과 교훈』 (평화문제연구소) s.l.: IAP, The Institute for Peace Affairs, 2010.

PERIÓDICOS:

A Handbook of Korea; by Korean Ministry of Culture and Information: Overseas Information Service, 1978.

CAI, Jian. **The Korea Nuclear Crisis and The Changing Sino-DPRK Relationship,** Asian Perspective, s. I. , Vol. 34, n° 1. p 137-158, 2010.

China-North Korea Relations. December (2010) Congressional Research Service CRS Report Congress Dick K. Nanto Mark E. Manyin

SÉBASTIEN, Colin Sébastien. **Péninsule et incertitudes coréennes : quels enjeux géopolitiques pour la Chine?**, Hérodote: s.n. 2011/2 n° 141, p. 75-97. DOI : 10.3917/her.141.0075

ANOTAÇÕES DE CONGRESSO:

INTER-KOREAN Relations & ROK's North Korea Policy. MOFA (Brasília/DF). No dia 06 de junho de 2013.

2011 한중 관계발전 그리고 한반도 평화 포럼. Beijing University: The National Unification Advisory Council (NUAC) . Em setembro de 2011.

SITES:

OLIVER, Christian et al. **China Could Accept Korean Unification.** Financial Times. Disponível em: <<http://www.ft.com/cms/s/0/a674cb64-fc45-11df-a9c5-00144feab49a.html#axzz35QnbkSzw>> Último acesso em: 03 jan. 2013.

JOHNSON, Ian et al. **China Seeks Talks to Ease Korean Tension.** The New York Times. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2010/11/29/world/asia/29korea.html?pagewanted=all&_r=0> Último acesso em: 10 out. 2013.

PERSPECTIVES on North Korea. Explore Taylor & Francis Online. Disponível em: <<http://explore.tandfonline.com/content/pgas/perspectives-on-north-korea>>

Último acesso em: 10 out. 2013.

O TRATADO Estadunidense e Coreano de 1882: Rascunho e Versão Final.

Disponível em:

<<http://www.instrok.org/instrok/resources/Draft%20and%20Final%20Versions.pdf>>

Último acesso em: 20 out. 2013.

CHINA e Coreia do Sul querem fim de armas nucleares na região. G1. Disponível

em: <[http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/06/china-e-coreia-do-sul-querem-fim-de-](http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/06/china-e-coreia-do-sul-querem-fim-de-armas-nucleares-na-regiao.html)

[armas-nucleares-na-regiao.html](http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/06/china-e-coreia-do-sul-querem-fim-de-armas-nucleares-na-regiao.html)> Último acesso em: 28 jun. 2013.

SITES DE MONITORAMENTO CONTÍNUO:

Arquivo Digital Wilson Center: <<http://digitalarchive.wilsoncenter.org>>

Conselho da Unificação Nacional: <www.nuac.go.kr>

G1 da Coreia do Norte: <<http://g1.globo.com/topico/coreia-do-norte/>>

G1 da Coreia do Sul: <<http://g1.globo.com/topico/coreia-do-sul/>>

Global Security: <<http://www.globalsecurity.org/>>

Lemonde: <<http://www.lemonde.fr/coree-du-nord/>>

Ministério das Relações Exteriores da República Popular da China:

<http://www.fmprc.gov.cn/mfa_chn>

Missão das Nações Unidas na Coreia do Norte: <<http://kp.one.un.org/>>

Missão permanente: <<http://un.mofat.go.kr/english/am/un/main/index.jsp>>

Portal Sino NK: <<http://sinonk.com>>

Presidência da República da Coreia: <<http://www.president.go.kr>>